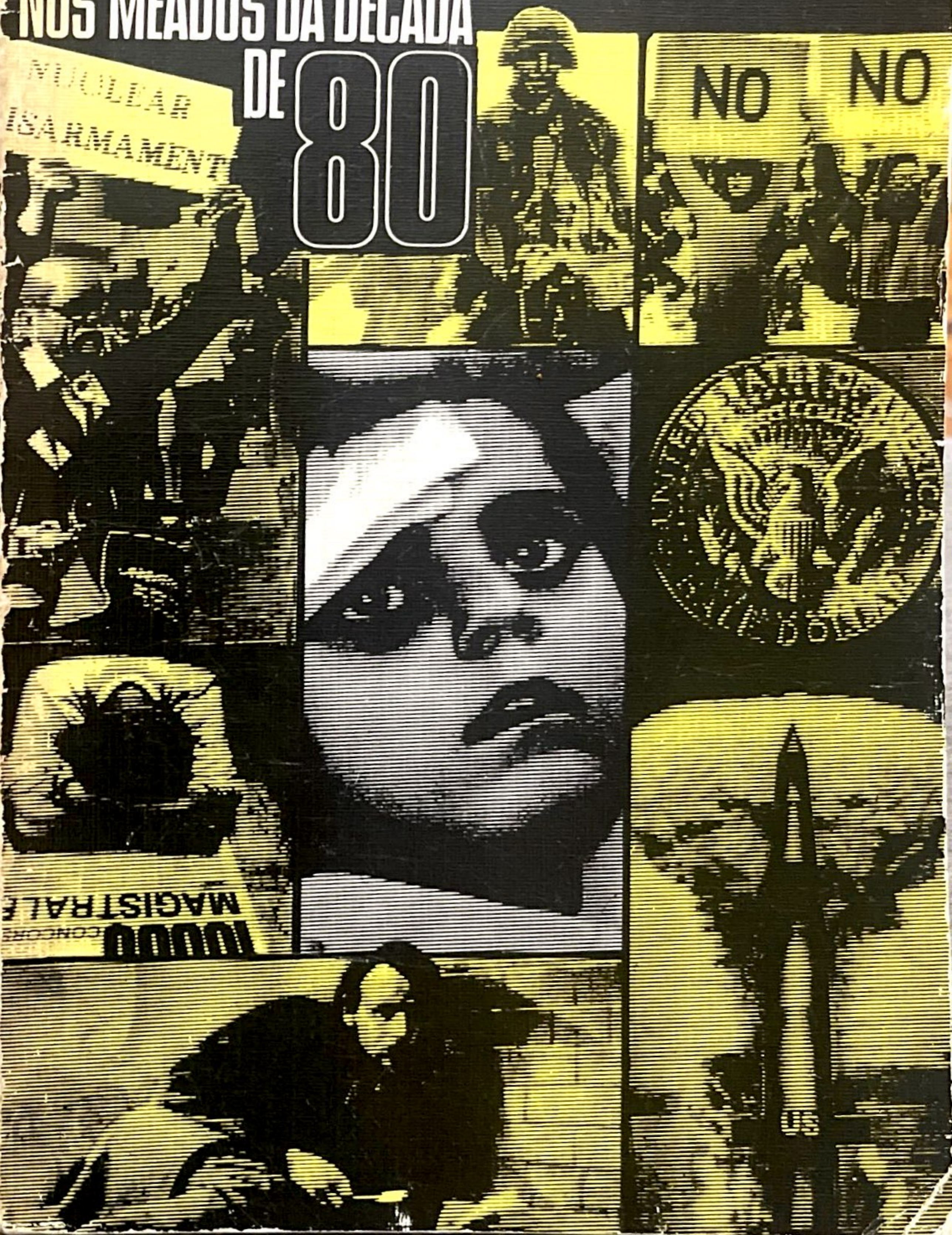
O IMPERIALISMO NOS MEADOS DA DÉCADA DE 80

Testemunhos de políticos e personalidades sociais do Ocidente e dos Não-Alinhados



O IMPERIALISMO NOS MEADOS DA DÉCADA DE 80

Testemunhos de políticos
e personalidades
sociais do Ocidente
e dos Não-Alinhados

Edições da Agência
de Imprensa Nóvosti
Moscovo, 1985

Compilação de Iúri Chvedkov

Este livro acabou de ser redigido a 12 de Agosto de 1985

0800000000

© Edições da Agência de Imprensa Nóvosti, 1985

Índice

PREFÁCIO		5
Capítulo I.	AS FONTES DA TENSÃO INTERNACIONAL	10
	Perseguindo a supremacia militar	10
	Nova espiral perigosa da corrida aos armamentos	14
	O imperialismo e o terrorismo de Estado— duas faces de uma mesma moeda	19
	A «cruzada» contra o socialismo e a comunidade mundial	24
Capítulo II.	OS PREPARATIVOS MILITARES E AS GUERRAS NÃO-DECLARADAS EM DIFERENTES REGIÕES DO MUNDO	28
	Nova ameaça para a Europa	28
	A espada erguida sobre o continente em chamas	31
	Próximo e Médio Oriente: um barril de pólvora	37
	África dilacerada pelos mercenários imperialistas	40
	Manobras do militarismo imperialista na Ásia e nas bacias do Pacífico e do Índico	44
Capítulo III.	JUGO FINANCEIRO E NEOCOLONIALISMO	49
	«Decadência» da Europa Ocidental	49
	Os países em vias de desenvolvimento nas malhas das dívidas	52
	Manchas vergonhosas da escravidão	58
	As corporações da peçonha	60
	Apoio ao racismo, apartheid e sionismo	62
	Imperialismo informativo	65

Capítulo IV. OFENSIVA CONTRA OS INTERESSES VITAIS DOS TRABALHADORES NOS PAÍSES DO CAPITAL 69
Os ricos tornaram-se mais ricos e os pobres, mais pobres 69
O flagelo do desemprego crónico 72
Investida dos empresários contra os sindicatos 75

POSFÁCIO 78

CRONOLOGIA DOS CRIMES SANGRENTOS DO IMPERIALISMO 83
América Latina 83
Próximo e Médio Oriente 84
África 84
Sudeste e Sul da Ásia 86
Oceânia 86
Europa Ocidental 86
América do Norte 87

Prefácio

É alarmante o quadro do mundo da década de 80. O novo «round» da corrida aos armamentos, imposto pelas forças agressivas do imperialismo, revigora a ameaça de eclosão de uma guerra nuclear e recai como um fardo oneroso sobre os ombros dos países capitalistas desenvolvidos e os Estados em vias de desenvolvimento, onde ganham novas dimensões o desemprego e a miséria. A fome assola muitas regiões do mundo. A Ásia, África e América Latina continuam a ser cenário de conflitos locais insuflados pelo imperialismo, guerras que ceifam anualmente a vida de centenas de milhares de pessoas inocentes e provocam a destruição de imensos valores materiais. O terrorismo e a subversão, elevados ao nível de política de Estado, ameaçam a independência nacional e a soberania de povos inteiros.

Por que razão aumenta a tensão internacional?

A causa principal reside na política aventureira e irracional dos círculos mais belicosos do imperialismo, sobretudo dos EUA. Tal política persegue um objectivo inatingível: modificar a correlação de forças no mundo em proveito do imperialismo, tentar uma revanche social e forçar o retrocesso histórico mundial.

Mikhail Gorbatchov, Secretário-Geral do CC do PCUS, ao discursar no Plenário do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, celebrado a 11 de Março de 1985, declarou: «Jamais pairou sobre a Humanidade uma ameaça tão terrível. A única saída sensata desta situação é um entendimento entre as forças contrapostas sobre a cessação imediata da corrida aos armamentos, principalmente nucleares, na Terra e o seu impedimento no cosmos. Um entendimento com base na honestidade e na igualdade de direitos, sem tentativas de 'tapear' a outra parte e de lhe ditar as suas condições. Um entendimento que possa ajudar a todos o avanço para a meta almejada: a liquidação e a proibição total das armas nucleares para todo o sempre, a elimina-

ção completa da ameaça de guerra nuclear. Esta é a nossa firme convicção».

Tal é a posição da União Soviética e do seu Partido Comunista.

Nos últimos anos, um número cada vez maior de pessoas das mais distintas convicções e de diferentes origens sociais nos países do Ocidente e nos Estados não-alinhados tocam a rebate em vista da política extremamente perigosa do imperialismo internacional. Os povos do mundo inteiro vêem com clareza que o imperialismo, ao recorrer ao poderio do aparelho de Estado, do capital financeiro, do complexo industrial-militar e das companhias transnacionais, pretende ao papel de gendarme mundial, tenta impor a sua vontade aos povos de todo o mundo e pugna pela subjugação dos mesmos.

A imensa envergadura da corrida aos armamentos, forçada pelo imperialismo, deixa a sua marca sinistra sobre todo o desenvolvimento mundial. A elaboração de sistemas ainda mais monstruosos de armas de extermínio em massa e os perigosíssimos planos de expandir a corrida aos armamentos para o cosmos aproximam a Humanidade, passo a passo, da hetacombe nuclear. Amplia-se a rede de bases militares imperialistas; criam-se novos grupos de choque de porta-aviões que singram as vastidões dos mares e oceanos; é sumamente apetrechada de modernissimos meios técnicos a «Força de Intervenção Rápida», criada especialmente para a ingerência nos assuntos de Estados independentes. A minúscula Granada assolada pelos «marines» ianques, cidades e aldeias libanesas transformadas em ruínas e a heróica Nicarágua dilacerada pelos mercenários da CIA devem recordar a todos a essência sangrenta do imperialismo.

O imperialismo moderno é, antes de mais nada, a corrida aos armamentos, a política de agressão e reacção, de apoio às ditaduras antipopulares, ao racismo, ao apartheid e ao sionismo.

Nos dias de hoje, a corrida aos armamentos, acima de tudo nucleares, activada pelos EUA e os seus aliados, ao absorver imensos recursos materiais e humanos, torna-se o obstáculo principal na via do progresso económico e social de muitos países e povos, um instrumento da sua ulterior subjugação e opressão.

Para que o leitor possa compreender melhor o mecanismo desta política, vamos citar alguns números. Segundo o projecto de orçamento dos EUA para o ano financeiro de 1986, apresentado em Fevereiro de 1985, as verbas militares deveriam atingir a soma de 322 mil milhões de dólares, o que ultrapassa em mais do dobro o produto nacional bruto (PNB) de todos os Estados do continente africano. Até mesmo para o país capitalista mais rico do mundo

torna-se impossível cobrir as crescentes verbas militares. Daí deriva um imenso défice orçamentário ao nível dos 200 mil milhões de dólares e o aumento astronómico da dívida estatal. A dívida nacional dos EUA que nos últimos 10 anos aumentou para o quádruplo, constitui agora uma soma aproximada de 1,7 biliões de dólares. Se empilhássemos esta soma em notas de mil dólares atingiríamos uma altura equivalente a 20 Everestes, o qual, por sua vez, mede 9 mil metros de altura.

O presidente dos EUA R. Reagan na sua mensagem televisiva ao povo americano nos fins de Abril de 1985 dizia: «Hoje a nossa dívida nacional constitui quase 8 mil dólares para cada homem, mulher ou criança e o seu crescimento equipara-se, aproximadamente, a mil dólares anuais «per capita». Somente para amortizar os juros decorrentes desta dívida o governo federal gastará este ano 155 mil milhões de dólares, soma superior a todo o montante do orçamento de 1966».

Isto significa que não só a actual geração de americanos, como também as futuras terão que pagar o correspondente por esta dívida colossal.

Mais ainda, os Estados Unidos da América já passaram de país-credor para país-devedor, sendo obrigados a pagar juros cada vez maiores ao resto do mundo; foi seriamente prejudicada a capacidade de concorrência das mercadorias americanas nos mercados externos e o défice da balança comercial externa dos EUA, em 1984, superou a casa dos 123 mil milhões de dólares, o que privou cerca de 3 milhões de americanos da esperança de obterem trabalho. Aumento do contingente de desempregados e baixa do nível de vida do povo americano—tal é a perspectiva que, na opinião de influentes círculos financeiros dos EUA, surge perante o país capitalista mais rico do mundo.

«O défice do orçamento federal—escreve o conhecido financista americano Felix Rohatin—faz aumentar a dívida de Estado duas vezes mais rápido do que cresce o PNB. Está é a via certeira da falência nacional... Incentivamos (com isto mesmo—*N. do A.*) a especulação e não os investimentos de capital. Compramos uma efémera prosperidade, privando os restantes países do mundo dos capitais tão necessários a eles mesmos, desestabilizando assim o sistema monetário internacional»[1].

Na sua política interna a administração de Washington tenta atenuar o défice orçamentário reduzindo os programas sociais, os vencimentos dos empregados públicos, as bolsas de estudo, os

[1] «The Times», 15.09.1984

subsídios concedidos aos granjeiros e as pensões aos anciãos. 3 milhões de americanos sem tecto, 30 milhões de vítimas da miséria, mais de 200 mil famílias granjeiras à beira da falência—tais são as consequências do orçamento militar dos EUA.

Não causa admiração, portanto, que Washington procure desfazer-se de parte considerável do fardo da corrida aos armamentos por conta de outros países, nomeadamente os mais pobres, e que em parte ele tem conseguido isto. Tarifas bancárias excessivas e a cotação do dólar artificialmente elevada ao inédito—tudo isto cria um fortíssimo mecanismo de pressão económica que suga os capitais de diferentes países, inclusive os mais pobres, capitais que a seguir são canalizados para os cofres dos bancos americanos e da fazenda nacional dos EUA. Segundo cálculos moderados, em 1984 o afluxo de capitais estrangeiros para os EUA atingiu a soma de 110 mil milhões de dólares. Somente nos últimos 4 anos, os Estados Unidos sugaram apenas dos países da América Latina mais de 150 mil milhões de dólares.

Mas a coisa não se limita a isto. De ano para ano o Pentágono amplia a venda de armamentos caríssimos ao estrangeiro, sendo que 2/3 destes fornecimentos num valor de 20 mil milhões de dólares coube aos países em vias de desenvolvimento. A pressão exercida pelos EUA adquire um carácter autenticamente monstruoso. Tendo aumentado nos últimos 3 anos o montante da sua ajuda económica aos países africanos em 40%, os EUA, ao mesmo tempo, impuseram-lhes um acréscimo das compras de material bélico de 150%.

A economia dos países em vias de desenvolvimento está com a corda ao pescoço—tal é a aparência nos nossos dias da sua colossal dívida aos bancos americanos e às instituições financeiras internacionais. Segundo certos dados, esta dívida já supera a casa dos 900 mil milhões de dólares e tende a crescer ainda mais. Somente o pagamento dos juros pelas dívidas contraídas «comem» 80% dos lucros da exportação desses países, cujo montante decai em virtude da queda catastrófica dos preços das matérias-primas. Como resultado disso, a maioria dos países em vias de desenvolvimento é forçada por exigência dos seus credores a recorrer às mais duras medidas de economia e baixar o nível de vida do povo. Se hoje em todo o mundo 600 milhões de seres humanos estão no desemprego, 800 milhões são analfabetos, 1,5 mil milhões vivem em condições de fome e sobnutrição crónica, 2 mil milhões estão privados de água potável, a culpa recai, em primeiro lugar, sobre a política financeira das potências imperialistas e a corrida aos armamentos.

Mais ainda, ao pilhar os outros países, ao desestabilizar os laços económicos internacionais, o imperialismo americano coloca o mundo à beira da catástrofe económica.

Sentindo na sua própria pele as consequências de semelhante política, os povos de diferentes continentes, inclusive dos países do capital, não podem permanecer silenciosos. Eles actuam cada vez mais energicamente contra esta política, acusam o imperialismo, exortam todas as forças anti-imperialistas e os movimentos democráticos de massas à unidade na luta pelo progresso social e a paz no nosso planeta.

Compilámos no presente opúsculo declarações de dirigentes de partidos comunistas e operários, testemunhos de personalidades políticas e sociais, cientistas e jornalistas burgueses, bem como materiais de diferentes órgãos da comunicação social dos países ocidentais e não-alinhados, nos quais são condenadas as maquinações da reacção imperialista. Estes testemunhos referem-se fundamentalmente aos últimos anos, ou seja, ao limiar de 1984/85, período em que se desnudaram com clareza especial os problemas agudos do desenvolvimento mundial, quando os povos do mundo inteiro tomaram consciência da necessidade de lutar com vista a conjurar a morte da civilização. A Humanidade viu-se diante do dilema: ou os homens de boa vontade conseguem debilitar a tensão internacional, minorar a ameaça de guerra nuclear e estabelecer a cooperação económica mutuamente vantajosa, ou, caso contrário, o mundo continuará a derrapar irresistivelmente para o caos e a hecatombe nuclear.

Lamentavelmente, na História aconteceu muitas vezes que a razão conseguiu tomar a dianteira somente quando a loucura foi totalmente desmascarada perante todo o mundo. É evidente que no nosso século nuclear esta via para a paz é simplesmente impossível.

É preciso fazer tudo para pôr freio às tendências negativas, pois, no fim de contas, das duas uma: ou acabamos com a corrida aos armamentos, ou ela acaba connosco.

Capítulo I

As fontes da tensão internacional

O último decénio não tem similares pela quantidade acumulada de meios de guerra de enorme força destrutiva, pela intensidade das manobras militares das forças armadas dos EUA e dos seus aliados da NATO, pela envergadura da «guerra psicológica» e da subversão contra os países socialistas e os Estados em vias de desenvolvimento que salvaguardam a sua independência política e económica. A Humanidade vive nas condições de um perigoso auge da tensão internacional, do aumento da ameaça da hecatombe nuclear. Muitas personalidades políticas e sociais, bem como jornalistas, cientistas e peritos do Ocidente e dos países em vias de desenvolvimento responsabilizam a política aventureira do imperialismo moderno, e em primeiro lugar do americano, pela situação criada.

Perseguindo a supremacia militar

> A essência da passagem do desanuviamento à tensão internacional e à política de confrontação está à vista de todos. Vendo-se diante da paridade militar com os países da comunidade socialista, os círculos belicosos do imperialismo apostam na conquista de uma supremacia militar decisiva, na posição dominante no mundo inteiro.

Fidel Castro Ruz, Primeiro Secretário do CC
do Partido Comunista de Cuba e Presidente
do Conselho de Estado e do Conselho de Ministros
da República de Cuba

«Não seria um exagero afirmar que o mundo jamais esteve tão próximo da catástrofe nuclear, a qual pode ser irreparável, e que jamais tantos milhões de seres humanos foram vítimas da fome, do atraso, da ignorância e das enfermidades.

Os perigos de guerra que já existiam, quando nos reunimos em 1979[1], aumentaram com muita rapidez quando o novo Presidente dos EUA decidiu impor, como uma condição para a coexistência pacífica a aceitação da supremacia militar do seu país e da aliança que este último chefia. A subversão do desanuviamento... passou a ser um facto nefasto nas novas condições da política mundial. O incremento intenso dos armamentos levou as verbas militares em 1982 a atingirem números sem precedentes. A ameaça de cobrir a Europa com mísseis e de convertê-la no cenário local para o início de um grande drama mundial, recobrou novas forças.»

Do discurso pronunciado na Conferência cimeira dos Países Não-Alinhados em Nova Deli a 7 de Março de 1983. «Editora Política», Havana, 1983, pág. 8.

William Arkin, Thomas Cochran e Milton Hoenig, especialistas americanos na esfera de armamento nuclear.

«O governo Reagan... tem por objectivo obter a supremacia nuclear sobre a União Soviética...

Funcionários governamentais expressaram a opinião de que para se restabelecer o poderio da América do Norte é necessária a supremacia numérica em ogivas e sistemas portadores. Todavia, a meta não se limitava à prevenção de um ataque. A estratégia do governo na guerra nuclear exigia das forças nucleares americanas a criação da «supremacia» sobre a União Soviética, a capacidade de «acabar» a guerra em «condições vantajosas» para os Estados Unidos e, como resultado, ficar com mais armas nucleares do que qualquer inimigo potencial depois da guerra.»

«The Bulletin of the Atomic Scientists», Agosto-Setembro de 1984.

Georges Marchais, Secretário-Geral do Partido Comunista Francês.

---

[1] Tem-se em vista a VI Conferência cimeira dos Países Não-Alinhados (Havana, 1979). Aqui e a seguir: notas da Redacção.

«As forças do imperialismo, encabeçadas pelos EUA, aceleram a corrida aos armamentos e insuflam a tensão.

A guerra económica e ideológicà, a ameaça de eclosão de um conflito mundial — eis a direcção desta contra-ofensiva. Trata-se também de, ao aproveitar a ditadura do dólar, privar os países em vias de desenvolvimento da independência económica e de se apropriar das suas riquezas e, ao recorrer à grosseira ingerência, indo até à intervenção armada, determinar a política interna e externa dos mesmos. Trata-se igualmente de exercer pressão militar sobre os países socialistas, tentando colocar o desenvolvimento dos mesmos na dependência do reinício da escalada da corrida aos armamentos. Os EUA exortam os seus aliados a apoiarem energicamente estas acções nas suas esferas de influência. Reside nisto o sentido dos últimos encontros cimeiros dos dirigentes dos países industrialmente desenvolvidos, a reanimação da actividade da Aliança europeia ocidental, os esforços de acelerar a integração europeia. Esta linha é extremamente perigosa para a causa da paz e da segurança em muitas regiões do globo terrestre, e conduz ao agravamento do clima internacional em geral. Não se deve subestimar a seriedade das consequências desta política...»

Do relatório do CC do PCF ao XXV Congresso do Partido Comunista Francês. «L'Humanité», Paris, 7 de Fevereiro de 1985.

George Kennan, conhecido historiador e político americano, ex-embaixador dos EUA na URSS

«Afirmando que é necessário estruturar as relações com a União Soviética a partir das posições de força, a administração impinge os programas de criação de novos tipos de armamentos, designadamente, os mísseis balísticos intercontinentais MX. Ao mesmo tempo, procuram convencer-nos de que somente a conclusão do programa de criação e vectorização destes mísseis pode proporcionar à URSS um «estímulo» para manter conversações sérias.

Para mim estas afirmações são um absurdo total. Na pressão que a administração Reagan está a exercer sobre o Congresso no tocante ao problema dos mísseis MX, a União Soviética há-de ver mais uma manifestação dos ânimos que reinam na administração nas vésperas das novas conversações soviético-americanas sobre os armamentos nucleares e cósmicos[1].

A repetição das insinuações injuriosas à União Soviética, a conhecida posição de certas pessoas escolhidas para a composição da delegação americana nas conversações, a nebulosidade provocada pela «iniciativa defensiva estratégica», o recente lançamento com fins militares da nave cósmica de múltiplo aproveitamento — tudo isto não pode contribuir em absoluto para a superação da atitude céptica de Moscovo face às intenções de Washington. Isto, pelo contrário, convencê-la-á de que a disposição da administração de participar nas próximas conversações não passa de um embuste para acalmar alguns aliados dos EUA que revelam nervosismo, bem como o movimento pela paz americano...»

«The New York Times», 4 de Março de 1985.

Gus Hall, Secretário-Geral do Partido Comunista dos EUA

«O imperialismo dos EUA na sua tresloucada aspiração de restabelecer o seu antigo domínio sobre o mundo e alterar novamente a correlação de forças mundial em proveito do imperialismo, de romper a paridade militar entre os EUA e a URSS existente nos dias de hoje, e criar o perigo de guerra nuclear em nome da conquista das suas metas globais, enveredou pelo caminho mortal da confrontação nuclear.

A meta principal do imperialismo americano é a liquidação do socialismo mundial e, em primeiro lugar, da União Soviética. É precisamente isto que condiciona todos os actos e decisões do governo Reagan. Esta aspiração serve de base para a sua ideia tresloucada do primeiro golpe. Ela incentiva o presidente a ignorar a reivindicação de dezenas de milhões de pessoas em todo o mundo e nos Estados Unidos que exigem o desarmamento, o congelamento das armas nucleares e o desanuviamento.

Como deve uma pessoa sensata interpretar a decisão mortalmente perigosa do governo Reagan de levar a cabo os planos de vectorização dos mísseis «Pershing-2» e de cruzeiro na Europa? Estes mísseis são armas ofensivas de primeiro golpe. Não há margem para ilusões ou para tendências de aceitar o desejável pela realidade. O governo Reagan está possuido pela aspiração

[1] Tem-se em vista as conversações soviético-americanas iniciadas em Genebra, a 12 de Março de 1985.

de manter o seu curso catastrófico rumo à confrontação nuclear...»

Do relatório político fundamental do CC do Partido Comunista dos EUA ao XXIII Congresso Nacional do Partido, a 11 de Novembro de 1983.

Nova espiral perigosa da corrida aos armamentos

Ao pretender a conquista da supremacia militar sobre a União Soviética, ao perseguir o objectivo de «tomar a dianteira» numa guerra nuclear, a administração de Washington força a materialização do seu «programa estratégico», o qual inclui a produção e a vectorização dos mísseis balísticos intercontinentais da nova geração tipo MX e «Midgetman», os submarinos porta-mísseis «Trident-2», os bombardeiros estratégicos «B-1» e «Stealth», a instalação na Europa Ocidental dos mísseis de médio alcance «Pershing-2» e dos mísseis de cruzeiro «Tomahawk», bem como a modernização considerável dos armamentos convencionais. O supra-sumo deste programa, o seu aspecto mais perigoso é a preparação acelerada para as «guerras das estrelas»—a criação de novos sistemas das armas antimísseis com elementos de estacionamento cósmico. Tal programa é avaliado com toda a justiça como mais um passo que fortalece a ameaça de guerra nuclear.

Wolfgang Zellner, publicista oeste-alemão

«Até hoje a aspiração dos EUA ao domínio mundial expressava-se nas suas tentativas de pugnar pela supremacia na esfera de armas nucleares ofensivas, isto é, pela potência total dos mísseis intercontinentais de vectorização terrestre, mísseis instalados em submarinos, mísseis de médio alcance, mísseis de cruzeiro e bombardeiros. Mas, por mais que se aumente o número de mísseis, por mais que se eleve a precisão com que eles atingem os alvos, por mais que sejam fortalecidos os «bunker's» para tornar invulneráveis os seus próprios mísseis, por outras palavras, por mais que sejam modernizadas as armas ofensivas, isto não proporcionará a possibilidade de desferir ao inimigo um golpe fulminante e desarticulador. Pois mesmo que fosse possível aniquilar 95% das armas nucleares inimigas antes do seu emprego, os restantes 5% seriam suficientes para aniquilar toda a América do Norte. A corrida aos armamentos ofensivos encontra-se num beco sem saída.

Foi isto que serviu de força propulsora para a «iniciativa defensiva estratégica» de Reagan que proclamou os planos de criação de sistemas de armas antimísseis de base terrestre e cósmica. Esta é uma das premissas fundamentais para a aprovação de decisões em prol de um primeiro golpe fulminante bem-sucedido. Já que a espada não pode acabar com o inimigo de um só golpe, necessita-se então da espada e do escudo.»

«Deutche Volkszeitung», 22 de Fevereiro de 1985.

Philip Boffey, jornalista americano

«A iniciativa defensiva estratégica do presidente, amplamente divulgada como «guerra das estrelas», não pressupõe o emprego das armas de extermínio em massa à semelhança das armas nucleares dos nossos dias que são capazes de aniquilar dezenas de milhões de pessoas, e nisto os especialistas são unânimes.

Mas estes mesmos especialistas—no governo, na indústria e nas universidades—dizem que o sistema defensivo proposto, caso ele venha realmente a ser criado e inteiramente instalado, poderá cumprir várias funções ofensivas importantes, nomeadamente:

— Ele poderá ser aproveitado como apêndice defensivo do golpe nuclear ofensivo, porquanto permite disparar os mísseis nucleares, enquanto a defesa permanece na reserva em caso de um contra-golpe. Tal é a opinião dos especialistas na esfera do controlo dos armamentos.

— Ele poderá atacar e destruir os satélites, que são alvos mais simples do que os mísseis balísticos que este sistema está chamado a interceptar. A esta conclusão chegaram os especialistas consultados pelo Bureau de Avaliações Técnicas do Congresso.

— Segundo a opinião de alguns especialistas, este sistema talvez possa ser mesmo aproveitado para golpes-relâmpago a partir do cosmos contra alvos terrestres relativamente pouco defendidos, tais como aviões, navios-tanques, estações eléctricas e campos agrícolas a fim de provocar instantâneamente incêndios e danos que, na opinião de John Razar, especialista na esfera dos

laser e adepto da «guerra das estrelas», podem em 30 minutos fazer retroceder um país industrial ao nível do século XVIII.

Alguns especialistas militares até mesmo expressam o alarme pelo facto de que, ao fim e ao cabo, este sistema poderá aniquilar os refúgios de cimento-armado que protegem os mísseis no subsolo e, deste modo, tornar-se arma de primeiro golpe, capaz de pôr fora de combate os mísseis inimigos antes que eles possam ser disparados...»

«The New York Times», 7 de Março de 1985.

Victor Perlo, economista e personalidade social americana

«A 'guerra das estrelas' é a quara e a mais perigosa das fases fundamentais da preparação americana para o desfecho do primeiro golpe nuclear contra a União Soviética: a primeira fase foi Hiroshima, a segunda—a bomba de hidrogénio, a terceira—as ogivas divisíveis de alvo individual (MIRV) e agora—a 'guerra das estrelas'. Em cada fase a União Soviética disse: 'Vamos chegar a um acordo de não fazer isso'. Mas todas as vezes Washington repeliu este apelo, pois estava convicto de que a URSS jamais poderia alcançar os EUA. Mas ela (a União Soviética—*N. do A.*) alcançava e sempre irá alcançar.

Se Reagan progredir na instalação no cosmos nem que seja só de armamento simbólico, isto será uma violação decisiva do Tratado sobre a defesa antimíssil, o acordo mais importante sobre o controlo dos armamentos entre os EUA e a URSS. O programa da 'guerra das estrelas' está voltado no sentido de garantir ao Pentágono a capacidade de desferir o primeiro golpe e de escudar os EUA face um contra-golpe. A tentação para os anticomunistas pode tornar-se irresistível, o que pode levar o mundo a um ponto em que o movimento rumo à guerra nuclear se torne irreversível...»

«Dailu World», Nova Iorque, 3 de Janeiro de 1985.

Averell Harriman, político americano, conselheiro de 4 presidentes dos EUA

«Provavelmente, a tendência mais trágica consiste no facto de a corrida aos armamentos estar a ponto de ser transferida para o cosmos. As armas anti-satélites representarão uma ameaça constante para os satélites do sistema de alarme prévio, os satélites de

reconhecimento e os satélites de comunicação de importância vital para a nossa segurança e a prevenção de uma guerra nuclear em virtude de uma casualidade ou erro de cálculo.

O plano defensivo da administração Reagan no espírito da 'guerra das estrelas' não conduzirá simplesmente à anulação dos três tratados concluídos sobre o controlo dos armamentos—o Tratado de Prescrição das Experiências das Armas Nucleares na Atmosfera, no Espaço Cósmico e debaixo de Agua, o Tratado sobre os Princípios da Actividade dos Estados na Pesquisa e Aproveitamento do Espaço Cósmico, nomeadamente a Lua e outros Corpos Celestes, e o Tratado sobre a Limitação dos Sistemas de Defesa Antimíssil—que serviram tão bem aos objectivos da garantia da nossa segurança. Ele significará que as duas partes irão acumular milhares de novas unidades de armas ofensivas para romper quaisquer sistemas defensivos que cada uma das partes possa inventar. Isto exigirá medidas de segurança que nós não estamos em condições de garantir, e com isto mina seriamente as esperanças e fortalece os temores de todos os cidadãos. Este plano promete a defesa com a ajuda de realizações técnicas, enquanto que a solução depende de nós mesmos e consiste em conversações sérias e em moderação mútua.»

«International Herald Tribune», 2 de Janeiro, de 1984.

Uma revista oeste-alemã acerca das divergências na NATO em torno da ideia da «guerra das estrelas»

«O Congresso americano enviou os seus agentes a Bona, Bruxelas, Londres e Paris. Comissionados pelo senador democrata William Proxmire, membro da comissão senatorial de verbas, eles deviam esclarecer como os aliados avaliam o projecto do século, apresentado por Ronald Reagan: a criação no cosmos de um sistema defensivo contra os mísseis inimigos.

O resultado foi catastrófico. Nas capitais dos quatro aliados europeus da NATO, como comunicaram estes 'agentes de reconhecimento', a iniciativa defensiva estratégica, anunciada em Março de 1983, foi repelida pela maioria das personalidades governamentais. Verdade seja dita, os aliados nada têm a dizer contra os trabalhos de pesquisa científica na esfera da 'guerra das estrelas'. Todavia, a instalação de tal barreira de mísseis provoca uma nova discórdia séria na aliança ocidental.

Eis as contestações mais importantes dos europeus: o escudo cósmico no valor mínimo de 500 mil milhões de dólares será na

essência uma garantia absoluta da segurança dos EUA; os aliados europeus forçosamente ver-se-ão isolados do sistema defensivo dos EUA e iniciar-se-á uma nova escalada perigosa da corrida aos armamentos.»

«Der Spiegel», Hamburgo, 18 de Fevereiro de 1985.

Roland Dumas, ministro das relações exteriores da França

«A doutrina da segurança da França fundamenta-se, como é do conhecimento público, nos meios de contenção. A França considera que o equilíbrio das forças ofensivas no mundo garante a segurança. Esta é uma regra de longa data. E tal concepção confirmou-se.

A iniciativa americana denominada iniciativa defensiva estratégica persegue o objectivo de alterar esta doutrina. Declarámos que o aproveitamento do cosmos, decorrente deste plano americano, significa, no fundo, o superarmamento. No tocante à doutrina francesa, fundamentando-se no equilíbrio das forças ofensivas, ela consiste no seguinte: é preciso reduzir ao nível mais baixo possível estas forças ofensivas, principalmente as nucleares. Já o plano americano não conduz apenas ao superarmamento, o qual seria a militarização do cosmos, e por conseguinte, não só ao aumento do risco e do perigo, como ainda não corresponde à aspiração de garantir a segurança.

Antes de mais nada porque ele somente pode ser materializado dentro de 15 ou 20 anos ou até mais. Constatámos, aliás, que os próprios americanos, ao iniciarem o programa de pesquisas, que lhes custará, segundo cálculos seus, 25 mil milhões de dólares, destinam simultaneamente no seu orçamento somas bem bastante consideráveis para a modernização das suas forças nucleares. Esta é a melhor prova de que... a iniciativa americana não conduzirá obrigatoriamente à liquidação das forças nucleares.

Em todo o caso, ela não conduzirá a isto com toda a certeza nos próximos 15-20 anos... E o que acontecerá dentro de 15-20 anos ainda não se sabe. Por isso, tendo em conta a ameaça do superarmamento e não tendo fé no êxito deste plano, voltamos à doutrina clássica que consiste no seguinte: é melhor conservar o equilíbrio de forças, reduzindo-as ao mais baixo nível possível.

Aliás, constatamos que depois de breves vacilações, a Inglaterra, cuja situação é análoga à da França, ou a RFA, que se encontra numa situação completamente diferente pois não dispõe

de armas nucleares pensam do mesmo modo. Os seus raciocínios conduzem-nos à seguinte conclusão: é preciso a todo o transe cessar este superarmamento enquanto não é tarde, enquanto decorre a etapa das pesquisas. Mas nós não alimentamos ilusões especiais. Será que o bom senso não nos diz que é impossível deter o progresso? E, em todo o caso, é preciso fazer isto a todo o transe no momento da transição das pesquisas para a instalação.»

Do estenograma da conferência de imprensa em Helsínquia, a 22 de Março de 1985.

Michael Getler, jornalista americano

«Não é com muita frequência que se faz a conexão entre a economia do país e a segurança nacional, mas o senador Sam Nunn (democrata pelo Estado de Geórgia), cuja voz é uma das mais conceituadas no Congresso, quando se trata dos problemas da defesa diz que por muito séria que seja a questão da segurança nacional, a dificuldade principal com que nos vamos debater nos próximos 3-5 anos é o défice que constitui hoje em dia aproximadamente 200 mil milhões de dólares anuais.

«Quanto é necessário para a defesa»—este problema está a ser discutido desde os tempos da Segunda Guerra Mundial. Mas o défice sem precedentes confere-lhe um novo aspecto. Nunn considera que o défice ameaça a segurança de modo dulpo. Ao pôr em pauta o ascenso económico dentro do país, ele ameaça a capacidade de garantir uma poderosa defesa americana. Ao fazer subir a cotação do dólar, bem como as tarifas bancárias, ele ameaça agravar os problemas dos países do 'terceiro mundo', semeando em toda a parte a revolução que, no fim de contas, pode envolver os EUA em acções militares.»

«The Washington Post», 24 de Junho de 1984.

O imperialismo e o terrorismo de Estado: duas faces de uma mesma moeda

O terrorismo e a subversão estatais, que são duas integrantes da política do imperialismo, ameaçam a independência nacional de muitos países e povos.

Torna-se cada vez mais claro que o terror em massa contra Estados soberanos e a população civil, contra políticos e activistas sociais progressistas e os movimentos anti-imperialistas é levado a cabo planeadamente pelos serviços especiais dos EUA e das demais potências imperialistas. Mais ainda, em Washington afirmam agora que vão «vingar-se» dos actos terroristas retaliatórios independentemente das baixas que venham a sofrer os habitantes civis.

Philip Taubman, jornalista americano

«O ministério da defesa (dos EUA—*N. do A.*) criou nos últimos tempos várias unidades secretas de missão especial tipo comandos que participaram... na invasão de Granada e apoiaram as operações secretas da CIA na América Central—informam altos funcionários do governo americano e membros do Congresso.

A criação destas unidades selectas, que ampliam a concepção tradicional sobre as forças de missão especial, segundo as palavras de alguns membros do Congresso, é motivo de alarme. Como eles dizem, os temores reduzem-se ao facto de que estas unidades se tornem unidades militares da Agência Central de Inteligência (CIA) e actuem à margem das limitações impostas pelo Congresso e das suas exigências referentes à apresentação de relatórios sobre a actividade dos órgãos da inteligência e sobre o aproveitamento das forças americanas nas operações de combate.»

«The New York Times», 7 de Junho de 1984.

Fidel Castro Ruz, Primeiro Secretário do CC do Partido Comunista e Presidente do Conselho de Estado e do Conselho de Ministros da República de Cuba

«Os imperialistas estão roídos pelo ódio e a consciência da sua impotência perante Cuba, pequena, amante do trabalho e de uma vida modesta, porém digna. Como aniquilar o exemplo? Como aniquilar a força moral (da revolução cubana—*N. do A.*)? Como obrigar que arriem a bandeira que ofereceu resistência a 7 governos americanos?

O arbitrário e criminoso bloqueio económico americano imposto a Cuba já dura 23 anos e este é um fenómeno sem

precedentes no mundo. A base naval americana de Guantánamo existe até hoje com o único objectivo de humilhar o nosso povo. Os aviões-espiões ianques voam constantemente ao redor de Cuba e, por vezes, invadem atrevidamente o nosso espaço aéreo.

Mais ainda, ficamos sabendo de fontes dignas de toda a confiança que a actual administração americana encarregou a Agência Central de Inteligência de elaborar novos planos de atentados contra a vida dos dirigentes de Cuba... Que se pode esperar mais ainda de um governo tão desonesto? E valerá a pena admirar-se com estes intentos cínicos dos imperialistas? Será que os outros presidentes não arquitectavam planos análogos no passado e não tentaram pô-los em acção, o que inclusive foi confirmado pelo Senado dos EUA? Contudo, todas as tentativas serão vãs, pois a nossa revolução não se fundamenta em personalidades, mas sim em ideias, e estas não se podem aniquilar».

Do discurso pronunciado na Conferência cimeira dos Países Não-Alinhados em Nova Deli a 7 de Março de 1983, «Editora Política», Havana, 1983, pág. 14.

Michael Kinsley, jornalista americano

«Mas existe ainda outro exemplo evidente: os «contras» na Nicarágua. O «Wall-Street Jornal» já mostrou nos seus artigos que os «contras» são uma autêntica criação da CIA. Ela aliciou os seus líderes dentre os ex-pupilos da guarda nacional de Anastácio Somoza, contratou bandidos profissionais da ditadura militar argentina para a instrução dos «contras» e «diluiu» (como se expressaram brandamente os autores destes artigos) a direcção com alguns elementos democráticos, quando eles (os «contras»—*N. do A.*) começaram a ser criticados.

Estes artigos também dão a entender claramente que o objectivo dos EUA neste assunto tem um carácter classicamente terrorista: subverter o sistema social e económico (da Nicarágua—*N. do A.*) Para derrubar o regime procuramos destruir o país e levá-lo à pauperização, liquidando ou desconcertando o comércio...»

«The Wall Street Journal», Nova Iorque, 28 de Março de 1985.

Do artigo de fundo de um jornal de Washington

«Mais uma vez os líderes políticos do país, tanto republicanos como democratas, estão chocados, desgostosos e indignados. Desta vez, a causa disso foi o manual publicado pela CIA sob o título 'Operações psicológicas na guerrilha', em língua espanhola, difundido, a julgar por tudo, entre os chamados 'contras' que combatem o regime sandinista da Nicarágua. O manual ensina como travar a guerra com métodos sórdidos.

Nele explica-se como e quando matar civis inocentes, como envolver nestas acções a população local e instigar a multidão à violência, como e em que circunstâncias aproveitar os fascínoras e criminosos. A CIA afirma que o manual foi escrito por um autor extranumerário e não reflecte os pontos de vista da direcção americana. É preciso ser muito ingénuo para dar crédito a tais declarações.

Se o leitor recorda, também antes já fomos testemunhas de semelhante choque, desgosto e indignação. Isto ocorreu no momento em que se noticiou que a CIA arcava com a responsabilidade pela colocação de minas nos portos nicaraguenses. Vários navios, inclusive um soviético, ficaram danificados... Os EUA mantiveram silêncio até os órgãos de comunicação social informarem que as minas tinham sido realmente instaladas com a ajuda dos americanos. Na mesma ocasião, os membros do Congresso que apoiam a guerra secreta contra a Nicarágua balbuciaram palavras de indignação. Eles não disseram quem, na sua opinião, instalara as minas. Talvez, considerassem que isso tivesse sido obras dos sócios do clube dos fãs de Mickey Mouse.

Agora somos novamente testemunhas de uma explosão de falsa indignação...

O choque e a indignação deveriam ser reservados para a própria guerra. Em vez disto, o Congresso tem que meditar se esta guerra é necessária e justa e se não estaremos a perder mais do que a ganhar. Por exemplo, até mesmo uma breve leitura de qualquer fragmento do citado manual mostra que se trata de um documento cínico e amoral...»

«The Washington Post»,
20 de Outubro de 1984.

Do comunicado de um periódico de Berlim Ocidental

«O prontuário de assassinatos e acções contra-revolucionárias dirigidas contra a Nicarágua foi transcrito de um dos programas

didácticos do exército dos EUA para a condução da guerra psicológica dos tempos da guerra do Vietname. Isto foi indicado pelo senador Daniel Moynihan, na sua mensagem à corporação de radiodifusão americana «ABC».

O prontuário é uma tradução à letra de um dos documentos elaborado, em Abril de 1969, na escola especial de Fort-Bragg, na qual ensinavam os famigerados 'boinas verdes' a travar a guerra nas selvas.»

«Die Wahrheit», Berlim Ocidental,
30 de Outubro de 1984.

Walter Mondale, ex-vice-presidente dos EUA

«Penso que a lição que recebemos na América Central, a nossa recente ingerência na Nicarágua, onde dávamos instruções a assassinos a soldo e cometíamos outros actos similares—tudo isto fortaleceu a posição dos nossos oponentes...

Por isso, sou contrário às operações secretas na Nicarágua. Este é um exemplo clássico da estratégia que leva o povo dos EUA ao desconcerto, fortalece a nossa oposição e solapa o prestígio do nosso povo e do nosso país na região.»

Do debate televisivo com Ronald Reagan
de 21 de Outubro de 1984. Texto oficial.

Govind Narain, Secretário-Geral do Instituto do Movimento dos Não-Alingados (Índia)

«Pela sua própria experiência os países não-alinhados sabem que a actual administração americana elevou o terrorismo ao nível de política do Estado e criou o culto da força militar. Isto foi demonstrado, por exemplo, através da invasão a Granada empreendida pelos EUA, da sua ingerência nos assuntos no Líbano e das provocações contra a Nicarágua.

Nós, na Índia conhecemos muito bem o valor das declarações das personalidades oficiais americanas sobre a «luta dos EUA contra o terrorismo internacional». Na realidade, é precisamente a Agência Central de Inteligência dos EUA que envia de contrabando os terroristas para o território indiano, apoia e dirige a subversão dos terroristas nos Estados de Penjab, Jammu e Cachemira, bem como no Nordeste da Índia. Do igual modo, os Estados Unidos aliciam amplamente os facínoras dos bandos contra-revolucionários afegãos no Paquistão com vista à condução de

uma guerra não-declarada contra a República Democrática do Afeganistão. Os Estados Unidos são hoje a fonte principal do terrorismo de Estado. O imperialismo e o terrorismo de Estado são duas faces de uma mesma moeda...»

«Kabul New Times», 1 de Novembro de 1984.

A «cruzada» contra o socialismo e a comunidade mundial

O imperialismo proclamou uma «cruzada» contra o comunismo como ideologia, no qual supostamente, se encontra radicado todo o «mal». Mas passado pouco tempo ficou claro que esta «cruzada» se dirige contra toda a comunidade mundial e as organizações internacionais — a ONU, a UNESCO e outras — já que as suas decisões que reflectem a opinião da maioria dos Estados do mundo também não são do agrado dos «bons fiéis» de Washington. Os círculos mais reaccionários do imperialismo dos EUA e de alguns dos seus aliados ficam assim cada vez mais isolados no cenário mundial.

Arthur Schlesinger, conhecido político e historiador americano

«Seja qual for o sentido táctico de discurso[1] do presidente Reagan em Orlando (estado de Flórida), na Associação nacional dos evangelistas, cria-se a impressão de que de um certo modo ele reflecte as suas sinceras convicções.

Se assim é, significa que o presidente considera que a «guerra fria» é sagrada. Foi precisamente assim que John Foster Dulles caracterizou a «guerra fria» 30 anos atrás. Mas os presidentes americanos na época posterior a Eisenhower — Kennedy, Johnson e até mesmo Nixon (pelo menos enquanto, esteve na

[1] No discurso pronunciado a 8 de Março de 1983, o Presidente dos EUA R. Reagan cometeu agravos contra a União Soviética. Classificando-a de «império do mal».

Casa Branca) consideraram suficiente encarar a «guerra fria» como um conflito ideológico. O presidente Reagan volta a descrevê-la agora com expressões proféticas tétricas como a «luta entre o bem e o mal, a justiça e a injustiça». A União Soviética, afirma ele, é «o mal do mundo contemporâneo». Quando no mundo há um mal semelhante «devemos por mandamento da Sagrada Escritura e de Jesus Cristo resistir-lhe com todas as nossas forças» — declara o presidente.

Semelhante concepção, a não ser que seja uma pilhéria do presidente, exclui a ideia da coexistência, pois como é possível concordar com um compromisso ou com a coexistência com o mal? Ela não propõe nenhuma outra perspectiva além da resistência «com todas as forças» e a guerra até à última gota de sangue. Ela exorta os fiéis autênticos ao «jihad» (guerra santa), à cruzada com vista a exterminar os infiéis. Semelhante atitude para com os assuntos tocantes à Humanidade sempre foi muito extremista. E é absolutamente fatal na época das armas nucleares...»

«The Wall Street Journal» Nova Iorque, 17 de Março de 1983.

Do artigo de fundo de uma revista americana

«John Foster Dulles, secretário de Estado aquando da presidência de Dwight Eisenhower, transformou a ONU num cenário de luta diplomática contra os comunistas ateus. Por detrás dos debates com os delegados soviéticos ocultavam-se a sua ameaça de desfechar um golpe maciço e a estratégia de equilíbrio à beira da guerra.

Os discursos idealistas de John Kennedy eram má cobertura para as suas aspirações políticas reais. Quando o destacamento de emigrantes cubanos desembarcou na baía de Cochinos, ele encarregou Adlai Stevenson, representante permanente dos EUA junto à ONU, de mentir no comité político da Assembleia Geral da ONU acerca da participação americana nesta invasão. Mais tarde Kennedy chamaria a Stevenson o seu «mentiroso oficial».

Lyndon Johnson simplesmente ignorou a ONU quando passou à ofensiva militar e política contra os inimigos no «terceiro mundo» desde o Vietname do Norte até à República Dominicana. A teoria de Richard Nixon sobre o governo mundial, elaborada e apresentada por Henry Kissinger, previa a liquidação total da ONU como entidade internacional. Gerald Ford aparentava não saber o que era a ONU e onde ela se encontrava, e James Carter não conseguiu definir de modo algum a sua posição para com ela.

Depois de um início alentador, ele voltou as costas para a diplomacia multilateral sob a pressão dos conservadores e dos «lobby» pró-israelitas. Ele renunciou à participação dos Estados Unidos na Organização Internacional do Trabalho (OIT).

E agora aproximámo-nos de Ronald Reagan. Apesar dos seus predecessores terem manifestado desrespeito e arrogância (para com a comunidade mundial — N. do A.), Reagan ultrapassou-os a todos. Ele iniciou o seu governo com uma ofensiva contra o próprio sistema da ONU...»

«The Nation», Nova Iorque, 6 de Outubro de 1984.

Betty Werther, jornalista francesa

«A decisão dos EUA de sair da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) entrou em vigor a 1 de Janeiro de 1985. Ainda antes disso, Washington provocou uma vaga de duras críticas com as suas tentativas de conseguir que o agrupamento da minoria fosse investido de um certo poder oligárquico, ao exigir juntamente com outros 23 países desenvolvidos a «introdução de mudanças no sistema de votação na UNESCO a fim de proporcionar aos países ocidentais, que participam no financiamento da entidade, um melhor controlo dos seus gastos».

Não provocaram menos indignação também as acusações lançadas por Washington à UNESCO de que esta estaria a tornar a sua actividade política, acompanhadas da exigência de «cessar a apresentação de problemas que não entram na esfera da sua competência, nomeadamente os problemas do desarmamento...»

Sucede que os Estados Unidos e os seus aliados ocidentais viram-se em minoria no sistema de instituições da ONU e não puderam nem podem conformar-se com esta situação. E visto que é preciso arcar com certos gastos, está claro que isso não lhes causa satisfação alguma...»

«Le Monde Diplomatique», Paris, Janeiro de 1985.

Do artigo de fundo de um periódico indiano

«Nos últimos anos cresceu abruptamente a agressividade do imperialismo americano... A administração Reagan pretende abertamente impor o seu domínio sobre o Movimento dos Não-Alinhados. Segundo informações recebidas de fontes diplomáticas, o Conselho da Segurança Nacional dos EUA elaborou um programa a longo prazo de subversão do Movimento dos Países Não-Alinhados. A meta principal deste programa é o estabelecimento total do controlo dos EUA sobre toda a actividade do movimento. O programa prevê também o enfraquecimento do papel que desempenham nele países como a Índia, Cuba, Nigéria, Argélia e Tanzânia. Todas as medidas ligadas à materialização destes planos serão levadas a cabo conjuntamente pela CIA, a USIA e outras organizações governamentais e extragovernamentais dos EUA. A acrescida agressividade da administração dos EUA é um sério perigo para o Movimento dos Não-Alinhados em geral».

«National Herald», Nova Deli, 14 de Fevereiro de 1984.

Capítulo II

Os preparativos militares e as guerras não-declaradas em diferentes regiões do mundo

Vectorização na Europa Ocidental de mísseis nucleares americanos de médio alcance; ampliação da rede de bases navais e aéreas que envolve o mundo inteiro; guerras não-declaradas contra países soberanos; banditismo dos mercenários da CIA que flagelam países da Ásia, África e América Latina — eis apenas alguns rasgos da política aventureira do imperialismo voltada no sentido de transformar diversas regiões do mundo em cabeça de ponte para a agressão e a guerra e, ao fim e ao cabo, para o estabelecimento do domínio mundial. Actualmente, os Estados Unidos de América sozinhos dispõem de mais de 1500 bases e pontos de apoio militares no território de 32 países. Mais de 500 mil soldados ianques encontram-se constantemente aquartelados fora dos EUA. Tudo isto faz aumentar o perigo de eclosão de novos conflitos bélicos.

Nova ameaça para a Europa

Como é do conhecimento público, na Europa, onde se encontram frente a frente os dois maiores agrupamentos político-militares do mundo — a NATO e a Organização do Tratado de Varsóvia —, no fim da década de 70 formou-se um equilíbrio aproximado de forças militares. Mas, em Dezembro de 1979, a NATO tomou a decisão de instalar em muitos países da Europa Ocidental novos mísseis nucleares americanos de médio alcance. A vectorização destes mísseis, iniciada em 1983, foi uma tentativa de romper a paridade existente entre o

Tratado de Varsóvia e a NATO na esfera dos armamentos nucleares. Em suplemento a isto, o Pentágono ocupou-se da elaboração de diferentes concepções de guerra nuclear «limitada» na Europa. Paralelamente, em 1984, foi aprovado o «plano Rogers». A sua essência consiste em a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) além de incrementar os armamentos nucleares também apostar na elaboração de armamentos convencionais para desferir golpes de profundidade na retaguarda do possível inimigo, ou seja, a URSS e os países da comunidade socialista.

Robert McNamara, ex-ministro da Defesa dos EUA

«Surge a interrogante lógica: estes mísseis (isto é, os mísseis nucleares americanos de médio alcance — N. do A.) serão uma garantia suplementar de segurança? Considero absolutamente que não. Tais mísseis não elevariam o grau de segurança nem para a Europa Ocidental, nem para a NATO, por isso não vejo qual a necessidade militar da sua vectorização...»

«Der Spiegel», 18 de Outubro de 1983.

Denis Healey, ministro dos Negócios Estrangeiros do «governo nas sombras» (da oposição — N. da R.) do Partido Trabalhista da Grã-Bretanha

«A vectorização dos mísseis de cruzeiro colocaria o povo da Grã-Bretanha perante a acrescida ameaça de um ataque nuclear, subverteria a confiança da opinião pública na NATO e agravaria as perspectivas do desarmamento...

O único argumento em prol da vectorização de mísseis de estacionamento terrestre na Europa consiste no facto dos americanos poderem dispará-los sem se envolverem na guerra nuclear. Eles, provavelmente, poderão fazer com que a guerra nuclear se limite ao continente europeu, ficando os Estados Unidos à margem dela.

Seria irrisório supor que os Estados Unidos poderiam ficar à margem de um conflito nuclear em tal situação»

Resumo do discurso na Câmara dos Comuns a 31 de Outubro de 1983.

General K. Iorgensen, comandante-em-chefe das Forças Armadas da Dinamarca

«Duvido profundamente que seja possível em geral controlar esta ou aquela forma de permuta de golpes nucleares entre duas partes. O mais provável é que isso degenere em guerra mundial, o que significaria a morte da Humanidade...»

Da entrevista ao «Berlingske Tidende», Copenhague, 30 de Janeiro de 1984.

Egon Bahr, membro da Presidência da Diretoria do Partido Social-Democrata da Alemanha

«Pertenço ao número daqueles que consideravam correcta a «dupla decisão» da NATO e a defendiam publicamente, que decidiam o problema a favor ou contra o início da vectorização tendo em conta o resultado então existente das conversações, e no Outono de 1983 cheguei à conclusão de que a vectorização devia ser rejeitada. Lançando um olhar retrospectivo, creio agora que esta posição foi lógica e certa; pois hoje somos obrigados a manter conversações a partir de posições piores do que naqueles tempos...

Desde o momento do início da vectorização dos mísseis aumentou a ameaça para a República Federal Alemã e não só para o meu país.

Estamos convencidos (já quantas vezes) que o aumento da quantidade de armamento por uma parte não cria uma segurança maior para essa mesma parte».

Do discurso da conferência teórico-militar da sociedade «Wehrkunde» em Munique, a 12 de Fevereiro de 1985.

William Pomeroy, jornalista americano

«Um dos planos mais contestáveis (que apesar de tudo foi aprovado pelo Comité militar... de planeamento da NATO a 9 de Novembro de 1984) é o chamado plano de «Perseguição durante um ataque armado» ou FOFA («plano Rogers»—*N. do A.*).

O FOFA afasta-se da política anterior de «defesa avançada» da NATO que se fundamentava na tese de enfrentar e repelir um ataque soviético mítico bem junto à fronteira dos países socialistas. Este era um plano destinado essencialmente a satisfazer o

desejo da RFA de não travar a guerra convencional no seu território. A nova concepção FOFA do general Rogers aponta para a concentração nos golpes contra alvos situados a centenas de milhas em profundidade das posições soviéticas.

Existem numerosos oponentes deste plano, os mais sensatos dos quais afirmam que não se trata absolutamente de um plano defensivo, mas sim de um plano de ataque, de desencadeamento da ofensiva sob o pretexto de defesa da Europa Ocidental. Pontos de vista oposicionistas de outra índole fundamentam-se no facto de que o plano de golpe em profundidade deve ser desferido com a arma mais moderna da «tecnologia nascente», que pode tornar as armas convencionais tão destrutivas como as nucleares...»

«Daily World», Nova Iorque, 8 de Dezembro de 1984.

John Pittman, membro do Bureau Político do Partido Comunista dos EUA

«A vectorização de novos mísseis americanos na Europa Ocidental confirmou os justos temores de muitos europeus de que Washington tenciona empregar a sua doutrina de guerra nuclear na esperança de não expandir as suas consequências para além das fronteiras da Europa. Semelhante procedimento «selectivo», contudo, está ausente no plano de Reagan da «guerra das estrelas», que, sob a camuflagem de projectos de pesquisa do cosmos, prevê colocar na órbita circunterrestre diferentes sistemas de armas cósmicas. Ela também está ausente nas medidas levadas a cabo pelo Pentágono com vista à elaboração e incremento da produção de projécteis neutrónicos e binários. Os golpes do espaço cósmico ou com a ajuda de meios neutrónicos e químicos não pouparão nenhuma região do globo terrestre...»

«Revista Internacional», Praga, Setembro, 1984.

A espada erguida sobre o continente em chamas

As acções do imperialismo americano na América Central e nas Caraíbas estão a adquirir um carácter cada vez mais perigoso. Está em

marcha o processo de militarização da ilha ocupada de Granada. Trava-se uma guerra não-declarada contra Nicarágua. O território de Honduras é transformado numa praça de armas dos EUA para atacar a vizinha Nicarágua. Cuba e Nicarágua estão no anel do bloqueio imperialista. O imperialismo aposta no apoio às ditaduras antipopulares semelhantes à chilena, mas as vagas da ira do povo estão a varrê-las da face da Terra uma após outra.

Georges Fournial, jornalista francês

«É pouco provável que na revista «U.S. News and World Report» se tenham infiltrado agentes de Moscovo ou de Havana. Mas, em Outubro de 1983, precisamente esta revista fez recordar: «Em cerca de 150 anos, as Forças Armadas dos EUA recorreram mais de 60 vezes à intervenção na América Central e nas Caraíbas com o fim de derrubar os governos existentes, de estabelecer regimes convenientes aos EUA e de defender os interesses do «business» norte-americano! Acrescentemos que isto foi feito não só na região citada. O mesmo se verificou, por exemplo, em toda a América do Sul e não só com a participação dos «marines»: estavam metidos agentes da CIA, mercenários, diplomatas e banqueiros da Wall Street.

O que significa isto: um simulacro de cortina de ferro que Winston Churchill inventou para a Europa? A cortina de bambu não impediu o Vietname de expulsar as tropas do Pentágono; os milicianos cubanos não se importaram com a cortina de cana de açúcar e, em 3 dias na baía de Cochinos, obrigaram os mercenários da Casa Branca a morderem o pó de derrota. Há já vários anos que falam da perigosa cortina de cacto da revolução mexicana... A julgar por tudo, Ronald Reagan está agora seriamente empenhado na construção de uma cortina de café em torno da revolução sandinista na Nicarágua...»

«L'Humanité», Paris,
30 de Janeiro de 1984.

Daniel Oetega, membro da Direcção Nacional da Frente Sandinista de Libertação Nacional e Presidente da República da Nicarágua

«Ao empreender o curso que visa insuflar a tensão regional, a administração Reagan exige do Congresso novas verbas para as acções terroristas dos bandos mercenários da CIA, as quais já causaram a morte de milhares de nicaraguenses, inclusive mulheres, crianças e velhos. O governo dos EUA ordenou que se realizassem no território das Honduras, a alguns quilómetros apenas da fronteira com a Nicarágua, as manobras militares americanas «Big Pine-3», que não têm precedentes pela sua escala. Simultaneamente, os EUA tencionam enquartelar as suas tropas na Costa Rica sob o pretexto de «ajuda civil» a este país.

A estratégia terrorista da administração Reagan está voltada no sentido de minar a economia da Nicarágua, privar o seu povo das realizações sócio-económicas conquistadas, estrangular o processo democrático que obteve o apoio dos nicaraguenses nas eleições gerais de 4 de Novembro de 1984. Ao mesmo tempo, os EUA procuram inutilizar os esforços empreendidos pelo governo nicaraguense com vista à reconciliação nacional, que se reflectiram no diálogo com a Igreja e na aprovação da lei de amnistia, na elaboração da Constituição e nas conversações sobre a concessão da autonomia ao litoral atlântico do país.»

Da Mensagem ao povo da Nicarágua
de 9 de Fevereiro de 1985.

Alexandre Cockbern, jornalista americano

«O presidente Reagan quer derrubar o governo da Nicarágua. Desculpe-me, equivoquei-me. Derrubar, não. Quer «afastá-lo no sentido da sua actual estrutura». Por agora, na qualidade de recurso temporário até à derrubada final do governo ou pelo menos até certos bombardeamentos punitivos americanos, o presidente e o secretário de Estado Shultz desencadearam uma campanha para convencer o Congresso da necessidade de restabelecer as verbas no montante de 14 milhões de dólares para a ajuda «secreta» aos contra-revolucionários nicaraguenses. No caso presente, «secreta» quer dizer «aberta», só que é mais difícil descobrir quem se apropria destes recursos...»

«The Wall Street Journal», Nova Iorque,
28 de Fevereiro de 1985.

Mary McGrory, jornalista americana

«O assessor do presidente dos EUA para a segurança nacional, Robert McFarlane, afirma que se se tomar uma atitude suja em relação aos sandinistas, isso ajudará a conquistar simpatias na Europa. Todavia, 6 deputados dos parlamentos holandês, italiano, oeste-alemão, inglês e irlandês chegaram esta semana aos EUA para declarar o contrário. O dirigente da delegação, a enérgica representante do Partido Holandês do Trabalho Evelin Herfkens sublinha que os 6 deputados expressam a opinião de 600 outros membros de parlamentos europeus que consideram absurdas as declarações de Reagan sobre a Nicarágua...»

«The Washington Post», 7 de Março de 1985.

Fidel Castro Ruz, Primeiro Secretário do CC do Partido Comunista de Cuba, Presidente do Conselho de Estado e do Conselho de Ministros da República de Cuba

«A actual administração seguiu um curso (em relação à ilha da Liberdade—N. do A.) extremamente hostil, proibindo inclusive os seus cidadãos de viajar a Cuba... Ela endureceu o bloqueio económico, exerceu forte pressão sobre os países ocidentais e o Japão, pugnando pela renúncia destes últimos à compra do níquel cubano e proibindo a compra de aço que contivesse níquel cubano. Ela exerceu forte pressão sobre o Japão, a Inglaterra, a Itália, a RFA e outros seus aliados, procurando dificultar as conversações sobre a procrastinação da dívida externa de Cuba.

A administração dos EUA seguiu um curso extremamente agressivo nas esferas política e militar. As coisas passam-se assim, mas falando sinceramente, até lhe estamos gratos por isso... Face às constantes ameaças por parte dos EUA mudámos inteiramente a nossa concepção de defesa, aumentámos em várias vezes a nossa força, transformando-nos num país que é impossível conquistar. Organizámos o nosso povo, fortalecemos a nossa defesa, por isso agora qualquer aventura militar contra Cuba está condenada ao fracasso...»

Da palestra de Fidel Castro com correspondentes do jornal «The Washington Post», realizada a 30 de Janeiro de 1985. «Granma», 11 de Fevereiro de 1985.

Alan Nairn, publicista americano

«No início da década de 60, no período em que governava a administração Kennedy, a CIA criou em El Salvador duas organizações estatais para a garantia da segurança, as quais posteriormente liquidaram muitos milhares de cidadãos, suspeitos de nutrirem pontos de vista de esquerda. A sua actividade era coordenada por colaboradores da CIA, e com o tempo estes serviços especiais deram origem a formações paramilitares conhecidas como 'esquadrões da morte'.

Ainda nos dias de hoje, embora a administração Reagan excomungue ruidosamente estes 'esquadrões', a CIA continua, em violação das leis americanas, a instruir e a fornecer armas, meios técnicos e informação de espionagem às forças de segurança salvadorenhas ligadas directamente aos 'esquadrões da morte'.

Das palestras com militares e civis salvadorenhos, bem como americanos, cria-se a imagem da participação prolongada e ininterrupta dos EUA na criação e coordenação da actividade dos serviços de segurança salvadorenhos, cujo método principal de 'trabalho' são os assassinatos cometidos pelos 'esquadrões da morte'...»

«The Progressive», Madison, Maio de 1984.

Gloria Fisher, jornalista americana

«Nas Honduras ocorre algo de maior envergadura do que manobras militares; os Estados Unidos fazem os preparativos necessários para a invasão da Nicarágua e (ou) El Salvador.

As manobras que prosseguem ininterruptamente já há quase dois anos nas Honduras (e não foi definido o prazo do seu término) garantem a preparação da infraestrutura e o transporte do armamento necessários para a invasão directa, bem como as condições para o treino e a aclimatização das tropas dos EUA...

Mais de 90 mil militares americanos participam na nova série de manobras realizadas na América Central e nas Caraíbas. Estas unidades incluem a 82.ª divisão de desembarque aéreo e a 101.ª divisão aérea de choque, a 24.ª divisão mecanizada de infantaria e unidades de 'rangers'...

A instrução que recebe o exército hondurenho não está voltada para a guerrilha, mas sim para uma guerra contra um exército regular, o que é sem precedentes para um país que não

está ameaçado por vizinhos e não encontra resistência armada interna...»

«People's World», S. Francisco,
22 de Dezembro de 1984.

General Leigh, no passado um dos partidários mais próximos do sangrento ditador Pinochet (Chile)

«À distância de 11 anos sinto todo o desespero e desprezo pelo governo que nós ajudámos a galgar o poder. Chegámos à ditadura unipessoal que significa o período mais negro na história do Chile. Todas as liberdades fundamentais foram esmagadas, está patente uma profunda crise: social, económica, política e moral...»

Da entrevista publicada pelo jornal
«Le Drapeau Rouge» Bruxelas,
19 de Novembro de 1984.

Athos Fava, Secretário-Geral do Partido Comunista da Argentina

«Até que ponto cresceu a agressividade do imperialismo na América Latina e nas Caraíbas e como ela se encontra inserida na sua estratégia global, pode ser visto muito bem no exemplo dos seguintes factos: nas Malvinas, depois da guerra anglo-argentina, foi criada uma fortaleza nuclear da NATO que se tornou mais um elo na corrente de bases militares imperialistas espalhadas pelo mundo inteiro. Recordemos ainda a permanência ilegal do militarismo americano em Guantánamo (Cuba), os seus pontos de apoio na zona do Canal do Panamá e em Porto-Rico. Agora, o Pentágono acalenta planos de apossar-se da ilha de Trindade (Brasil) e da ilha de Páscoa (Chile). Acrescentemos que as Honduras foram transformadas em ponta de lança para operações contra a Nicarágua e El Salvador, que está em marcha o processo de militarização da ocupada ilha de Granada e dos Estados da parte oriental das Caraíbas.

A fim de garantir a sua estratégia, os Estados Unidos apadrinham o estabelecimento de ditaduras sangrentas e apoiam os regimes inteiramente putrefactos como a tirania de Stroessner no Paraguai ou a «dinastia» dos Duvalier no Haiti.

A simples enumeração das múltiplas formas da agressão norte-americana mostra que o curso militarista dos EUA está

voltado contra a democracia, a independência nacional, o princípio de não-ingerência nos assuntos internos dos países latino-americanos, contra a paz...»

«Revista Internacional»,
Praga, Novembro, 1984.

Próximo e Médio Oriente: um barril de pólvora

A sangrenta intervenção de Israel no Líbano que prossegue há vários anos, empreendida com o conhecimento e a participação do imperialismo dos EUA, é, como todos sabem, uma das tentativas de estabelecer o domínio imperialista no Próximo e Médio Oriente, incluindo a zona do Golfo Pérsico, e de esmagar a luta dos povos árabes pela liberdade e a independência nacional. O curso seguido pelos EUA e Israel está voltado no sentido de impor aos árabes o seu «diktat» político-militar, de envolvê-los em negociatas separadas com os agressores, vantajosas para o imperialismo, porém, perigosas e humilhantes para os árabes, de desferir um golpe sobre os regimes árabes progressistas e de impedir uma regularização geral justa e firme.

Farid Mugahed, membro do CC do Partido Comunista Egípcio

«Ao falar da política dos EUA no Próximo e Médio Oriente, é oportuno citar as conhecidas declarações de Reagan de que esta região é «um barril de pólvora, um local onde por causa do seu significado especial para o mundo livre e à margem da vontade de quem quer que seja, a guerra pode começar». Em tal afirmação encerra-se uma ameaça tétrica, pois nas vizinhanças, na Itália (Comizo), encontra-se situada uma base nuclear dos EUA, em cujo campo de acção está inserida toda a zona do Mediterrâneo juntamente com a Grécia e a Turquia e ainda a parte meridional do Mar Negro. Também não podemos pôr de parte a capacidade de Israel de produzir munições atómicas. Tendo tudo isto em conta, é perfeitamente real a possibilidade de eclosão de um

incêndio nuclear no local. Além disso, a afirmação de Reagan persegue o objectivo de justificar a política expancionista dos Estados Unidos e isentá-los da culpa pelos acontecimentos sangrentos que ocorrem no Próximo Oriente.

Mas foi precisamente a política da actual administração, que se expressa na aspiração do imperialismo americano não só de debilitar, como ainda de liquidar o movimento de libertação nacional nos países do «terceiro mundo», bem como de desestabilizar os regimes progressistas, que causou um rosário de martírios aos povos do Próximo e Médio Oriente. A intervenção no Líbano, as provocações do Paquistão contra o Afeganistão revolucionário, a guerra entre o Iraque e o Irão — tais são os focos em brasa na nossa região explossiva, cujas chamas o imperialismo americano procura insuflar directa ou indirectamente recorrendo a partidos e agrupamentos impostores.»

«Revista Internacional»,
Praga, Outubro de 1984.

Hafez Assad, Presidente da República Árabe da Síria

«Os EUA fornecem a Israel uma quantidade ilimitada de armas modernas, o que contradiz os discursos imbuídos de amor à paz dos seus líderes. A actual campanha eleitoral (1984 — N. do A.) proporcionou aos seus participantes a possibilidade de se rivalizarem em apelos ao armamento e às exigências de garantir a supremacia de Israel.

Declarámos directamente aos americanos o que pensamos de tudo isto.»

Da entrevista ao jornal «Le Monde»,
Paris, 2 de Agosto de 1984.

Zeev Chilf, observador militar israelita

«Washington sabia o que podia ocorrer. Ele dispunha abundante informação sobre as intenções de Israel e os seus planos operativos. A invasão do Líbano por Israel não foi uma surpresa. O ministro da Defesa israelita Ariel Sharon não transmitiu ao Pentágono os seus planos concretos, mas não há dúvida de que Washington, através dos seus canais, estava já muito bem informado sobre estes planos ainda antes de eles terem sido postos na prática. Washington estava a par da concentração assaz notória de forças armadas na fronteira com o Líbano e de que Israel

tencionava invadir o Líbano ao lançar para lá um grande exército. Deste modo, a balbuciação mal articulada e a manifesta indiferença de Washington foram interpretadas pelo governo israelita como luz verde para a operação 'Paz para a Galileia'.»

«Foreign Policy», Nova Iorque,
2.° Trimestre de 1983.

Flora Lewis, jornalista americana

«Nos últimos meses, nas relações americano-israelitas ocorreram mudanças importantes. Elas expressam-se no intercâmbio completo dos seus papéis: os EUA afastam-se da obrigação de defender Israel, mantida no decurso de duas gerações. Washington procura obrigar Israel a defender energicamente aquilo que é encarado como interesses americanos.»

«The New York Times»,
1 de Novembro de 1983.

Do artigo de fundo de um jornal sírio

«A imposição da política de Camp-David a todo o mundo árabe tornou-se a meta estratégica do imperialismo no presente momento. O imperialismo dos EUA procura transformar a pátria árabe numa cabeça de ponte contra os movimentos de libertação nacional na África e na Ásia. Ao mesmo tempo, os «regimes moderados» da região tentam empreender passos práticos necessários à «arabização» da política de Camp-David. O período a seguir às eleições presidenciais nos EUA levará ao fortalecimento da aliança: imperialismo — reacção.»

«Siria Times», Damasco,
8 de Novembro de 1984.

Adnan Omran, assessor do Secretário-Geral da Liga dos Países Árabes

«A preocupação primordial dos povos árabes é agora a sua segurança. Juntamente com outros povos foi longa a nossa caminhada pela via da luta em prol da liberdade e pagámos caro por ela.

E não queremos renunciar à nossa liberdade e segurança. Lutámos e seguimos na luta contra o colonialismo nos territórios

ocupados da Palestina. Continuamos a contrapor-nos ao racismo, sionismo e expancionismo. Os soldados israelitas assassinam crianças e velhos nos territórios árabes ocupados na Cisjordânia, na faixa de Gaza, nas colinas de Golan e no Líbano. Os soldados israelitas exterminam a população nos acampamentos dos refugiados, deitam por terra todo e qualquer princípio internacional. E esta agressão recebe o apoio multilateral dos Estados Unidos...»

«Kabul New Times», 30 de Setembro de 1984.

D. R. Goyal, publicista indiano

«O motivo motor das acções dos EUA não consiste em ajudar os países do Golfo Pérsico, mas sim em estabelecer a sua própria presença nesta região de importância vital. Durante muitos decénios esta foi uma aspiração dos EUA e actualmente eles vêem uma possibilidade de atingir esse objectivo. Segundo certas estimativas, o Pentágono concentrou perto do Golfo Pérsico cerca de 30 navios da frota naval, capitaneados pelo porta-aviões «Midway». Três ou quatro navios de guerra entram intercaladamente no Golfo Pérsico. Além disto aumenta cada vez mais a presença militar americana no Oceâno Índico.

A intervenção americana na região do Golfo Pérsico pode ser desencadeada a qualquer momento, pois os planos de ataque estão prontos.»

«National Herald», 18 de Abril de 1984.

África dilacerada pelos mercenários imperialistas

Desde os trágicos acontecimentos que se seguiram à queda do poder dos colonialistas belgas no Congo (actual Zaire), os Estados africanos que lutam pelo fortalecimento da sua independência nacional e económica encontram-se constantemente perante a ameaça de invasão dos mercenários estrangeiros a soldo da reacção imperialista. Angola e Moçambique, Benine e Ilhas Seychelles, Botswana e Lesoto, bem como outros países africanos estiveram ou encontram-se submetidos à agressão armada forânea e a ataques das forças contra-revolucionárias, levados a cabo com o intuito de desestabilizar a situaçao interna destes países e derrubar os governos progressistas no poder.

Mengistu Haile Mariam, Secretário-Geral do Partido do Trabalho da Etiópia e Presidente do Conselho Administrativo Militar Provisório da Etiópia.

«Despertam profunda indignação os crimes repugnantes que se cometem contra povos que tentam criar sistemas sócio-económicos segundo a sua vontade e se sacrificam imenso em nome disso.

Falando do imperialismo, é de crer que ele elevou a intervenção nos assuntos internos de outros Estados ao nível da política externa estatal. Precisamente por isto, devido aos atentados dos imperialistas contra a integridade territorial e a soberania dos Estados, o mundo actual passa tempos difíceis...

O imperialismo leva a cabo uma permanente propaganda falsa, brande o cacete, emprega as armas, organiza, arma e dirige os elementos antipopulares para a luta contra os povos oprimidos... na esperança de conseguir assim mudar o curso da História... e recuperar o poder para os seus testas-de-ferro derrotados e falidos.»

Do relatório ao Congresso Constituinte do Partido do Trabalho da Etiópia. 6 de Setembro de 1984.

Mathieu Kerekou, Presidente da República Popular do Benin

«No plano político, a nossa preocupação é fundamentada, justificada e despertada pelos numerosos focos de tensão e as guerras que eclodem ora aqui, ora acolá, desencadeadas pelas forças do mal e pelo poderio do dinheiro...»

«Ehuzu», Cotonou, 24 de Janeiro de 1984.

Do artigo de fundo de um jornal francês

«Teria efectivamente, Chester Crocker, assessor do secretário de Estado para os assuntos africanos, trazido a paz à África Austral?

Na verdade, esta 'paz' não é nada mais nada menos que uma trégua parcial e temporária na guerra não-declarada que já há três anos o regime de Pretória trava contra os Estados da «Linha de Frente», tais como Angola, Lesoto, Moçambique, Tanzânia e Zimbabwe. Na guerra de escala subcontinental são empregados todos os recursos, a começar pelas divisões blindadas e as esquadrilhas de bombardeiros e a terminar com actos de sabotagem económica e subversão, e com assassinatos. Esta guerra arrasou grande parte da África Austral; centenas de milhares de pessoas abandonaram as suas casas; milhões de pessoas passam fome nas zonas abrangidas pelas secas e arruinadas pelos combates. E esta guerra é travada pela República da África do Sul com o fim de transformar a África Austral numa região em que domine o apartheid.

A administração Reagan lança mão a todos os recursos para desestabilizar os Estados da «Linha de Frente», que foram envolvidos nas operações combativas pela República da África do Sul. Washington e Pretória tornaram-se verdadeiras comparsas: elas coordenam detalhadamente as suas acções voltadas no sentido de alterar o equilíbrio político na África Austral e de consolidar as instituições fundamentais do sistema do apartheid.»

«Le Monde Diplomatique», Paris,
Julho de 1984.

José Eduardo dos Santos, Presidente do MPLA-Partido do Trabalho e Presidente da República Popular de Angola

«Nenhum país independente da África foi vítima de tantas guerras, agressões e conspirações internacionais como Angola. Desde o primeiro dia da sua independência, a República Popular de Angola não pôde esquecer um segundo sequer que a sua própria existência representa um desafio às potências ocidentais que lançaram mão a todos os recursos para estabelecer em Luanda um regime obediente que aplicasse incondicionalmente uma política favorável aos seus interesses económicos e estratégicos nesta região de África...

A agressão directa de Pretória, bem como o vandalismo dos bandos fantoches da UNITA, que têm os seus esconderijos na Namíbia e África do Sul, representam uma ameaça constante à segurança das províncias meridionais, obrigando centenas de milhares de angolanos a migrarem para o Norte.

É evidente que face a esta situação surgem imensas dificuldades para a reconstrução económica tanto das regiões vitimadas

pela guerra, como a nível nacional, pois todo o país tem que empenhar muitos esforços para a defesa do seu território...»

«Afrique-Asie», Paris,
14 de Junho de 1982.

De um comunicado da Agência telegráfica angolana

«Os comandos sul-africanos e as forças armadas contra-revolucionárias a soldo de Pretória, cometem os seus crimes em Angola, Botswana, Moçambique, Zâmbia e Lesoto. Até submarinos são utilizados nas acções de sabotagem contra os Estados da «Linha de Frente». Na ânsia de expandir a subversão a todo o continente, Pretória toma o exemplo dos EUA e proclama a África inteira como «zona dos seus interesses vitais».

A agressão contra Angola realiza-se nas esferas militar, diplomática e económica... As explosões do porto de Luanda, como resultado das quais foram atingidos dois navios civis, são uma das formas do bloqueio imposto a Angola independente. É uma nova confirmação de que a reacção internacional, encabeçada pelos EUA, ao procurar liquidar a revolução angolana, nunca cessou de intervir nos assuntos da República Popular de Angola. O terrorismo à escala estatal tornou-se o último recurso de Pretória e de Washington, que tentam em vão conjurar a derrocada dos seus sequazes. As explosões do porto de Luanda dizem que a República da África do Sul e os EUA devem sentar-se no banco dos réus como criminosos que cometeram actos de pirataria internacional.»

ANGOP, Luanda, 10 de Agosto de 1984.

Clement Mierassa, membro do CC do Partido Congolês do Trabalho

«O imperialismo, que apoia o vergonhoso regime do apartheid da África do Sul, criou numerosos focos de tensão na África.

Na terra congolesa, as forças reaccionárias não se detêm perante o emprego de todo e qualquer meio na tentativa de liquidar a revolução congolesa. Contra o povo congolês, que não manifestou servilismo, foram dirigidos actos de sabotagem económica e realizadas tentativas de desestabilização política, como por exemplo, o vil assassinato do camarada Marien N'Gouabi, fundador do Partido Congolês do Trabalho...»

«L'Humanité», Paris,
9 de Fevereiro de 1985.

Manobras do militarismo imperialista na Ásia e nas bacias do Pacífico e do Índico

Depois de um breve refluxo, provocado pela vergonhosa derrota dos EUA na guerra contra o Vietname, as vagas da agressão e do militarismo voltaram a fustigar os Estados do continente asiático. A reacção imperialista e a contra-revolução interna travam uma guerra não-declarada contra a República Democrática do Afeganistão. As explosões de bombas no aeroporto de Cabul e em mesquitas, as emboscadas nas estradas vicinais, o envenenamento de poços de água potável em cidades e aldeias, o assassinato de civis inocentes—tudo isto é obra dos «duchmanos», equipados com armas de produção americana. Os bandos de polpotistas armados pelo imperialismo invadem o Kampuchea, semeando a morte e a destruição. Incrementa-se a presença militar dos EUA na região. Os navios da trota naval americana singram o Índico e o Pacífico. O sistema de bases militares americanas, criado no Oceano Índico, as alianças político-militares da ANZUS, ANZUK e ASEAN ameaçam a segurança não só dos países da Ásia, como ainda do mundo inteiro. No Sudeste da Ásia, o imperialismo nipónico fortalece notoriamente as suas posições.

Babrak Karmal, Secretário-Geral do CC do Partido Popular Democrático do Afeganistão
e Presidente do Conselho Revolucionário da República Democrática do Afeganistão

«É óbvio que estais informados sobre a actual tensão da situação internacional em torno do Afeganistão resultante da política agressiva do imperialismo... isto é, da administração Reagan, dos mandões da NATO, bem como dos hegemonistas chineses e da reacção regional e árabe que aproveitam o Paquistão na qualidade de trampolim para a agressão e a intervenção nos assuntos internos do nosso país.

Actualmente, no território do Paquistão contam-se mais de 117 acampamentos militares, onde instrutores estrangeiros adestram os contra-revolucionários. Gastando centenas de milhões de dólares, o imperialismo dos EUA prepara bandos contra-revolucionários criminosos com a ajuda da CIA e envia-os para assassinar os nossos habitantes civis, destruir escolas, mesquitas, hospitais, estradas, empresas industriais e propriedades agrícolas, e outros edifícios públicos...»

«Kabul New Times»,
18 de Setembro de 1984.

Philip Bonosky, jornalista americano

«Nesta guerra (ou seja, a guerra não-declarada contra o Afeganistão—*N. do A.*) não havia problemas simples para os contra-revolucionários, inclusive a questão de como se intitularem. A própria guerra deu-lhes o nome. Todavia o problema ficou de pé: quem é esta gente que, na calada da noite, vem do Paquistão para atacar aldeias afegãs pacíficas, incendiá-las e, depois das torturas, assassinar os habitantes que oferecem resistência?

Bandidos? Para alguns deles esta denominação serve. Bárbaros? Certamente que um mestre-escola que «era comunista» pensou assim antes de desmaiar quando lhe arrancavam a pele das costas.

Desde que os diferentes agrupamentos com a sua direcção anárquica, violenta e desordenada e as suas formas caóticas para não dizer excêntricas de organização, surgiram na arena, a missão principal de Robert Lessard, agente da CIA no Sudoeste da Ásia, passou a consistir em dar pelo menos uma aparência de frente única organizada que cumpra toda e qualquer ordem sua...»

«Political Affairs», Nova Iorque,
Junho de 1984.

Do artigo de fundo de um jornal indiano

«A administração Reagan nunca ocultou que apoia os rebeldes afegãos...

Mesmo tendo isto em consideração, os montantes da ajuda financeira e a data do seu início devem provocar pasmo entre aqueles que não revelam grande interesse pelos assuntos da CIA. Foi calculado que os Estados Unidos gastaram de 200 a 300 milhões de dólares para subsidiar os «mudjahiddinos». Isto supera em muitas vezes aquelas somas que eles gastaram com as tentati-

vas de depor o governo sandinista de esquerda na Nicarágua... São ainda de maior interesse o facto de depósitos financeiros dos fundos da CIA no Afeganistão se iniciarem em meados de 1979, aquando da administração do presidente Carter... isto é, alguns meses antes da entrada do contingente limitado de tropas soviéticas neste país».

«Times of India», Nova Deli,
20 de Agosto de 1984.

Do comunicado de um jornal indiano

«A imprensa americana comunica que Washington está a ampliar com persistência as escalas da sua ajuda militar directa aos bandos contra-revolucionários que se infiltram no território do Afeganistão.

O jornal «Newsday» escreve que aos terroristas não só é concedida maior quantidade de armamento, como ainda eles são apetrechados com armas mais sofisticadas, inclusive sistemas modernos de artilharia e de mísseis.

O Congresso dos EUA discute presentemente o problema do aumento ulterior da ajuda às forças contra-revolucionárias afegãs. Esta ajuda será elevada até 600 milhões de dólares no ano fiscal de 1986. Os «duchmanos» recebem igualmente auxílio americano por outros canais...»

«New Age», Nova Deli,
31 de Março de 1985.

Radja Collure, candidato a membro do Bureau Político do CC do Partido Comunista de Sri-Lanka

«A política agressiva da administração Reagan criou uma situação tensa, extremamente instável e perigosa na Ásia do Sul, onde o imperialismo americano demonstra com insistência a sua força militar. A militarização do Oceano Índico por ele levada a cabo, a instalação nesta região de armas nucleares, a instigação da corrida aos armamentos, bem como a intervenção directa e indirecta nos assuntos internos dos povos da Ásia do Sul—tudo isto representa uma séria ameaça não só para a segurança dos Estados aí situados, mas também para todo o planeta...

No Índico foi criado todo um sistema de bases militares americanas, a principal das quais se encontra na ilha de Diego Garcia (encontram-se aqui instaladas armas nucleares). As águas

oceânicas são rasgadas pelos navios de guerra dos EUA, inclusive a 7.ª esquadra e submarinos dotados de mísseis nucleares. Foi constituído um comando central especial (CENTCOM), chamado a coordenar as acções das forças armadas americanas e a dirigí-las em caso de ataque qualquer país da região. Ele pode mobilizar instantaneamente a «Força de Intervenção Rápida»...»

«Revista Internacional», Praga,
Outubro de 1984.

Hun Sen, primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular do Kampuchea

«Resolveremos as nossas dificuldades internas. Mas o problema principal é-nos criado pelas forças forâneas. Trata-se do apoio prestado pelo imperialismo a Pol Pot e a outros bandos. Sem a ajuda de potências estrangeiras estes bandos não poderiam existir...»

«Canadian Tribune», Toronto,
17 de Dezembro de 1984.

José Lava, membro do Bureau Político do Partido Comunista das Filipinas

«Intensifica-se a expansão do imperialismo no Sudeste da Ásia e no Pacífico. Nesta região Washington confere um significado especial ao Japão, seu principal aliado. A administração Reagan atiça o governo nipónico, que se encontra sob influência do complexo industrial-militar local, a incrementar os preparativos militaristas e a aumentar as forças armadas, principalmente as navais e aéreas. Segundo o estratagema do Pentágono, este país, em caso de situação de conflito, deverá bloquear alguns «corredores internacionais» nas comunicações marítimas num raio de acção de até mil milhas das suas fronteiras...

Na região confluente do Pacífico e do Índico, os EUA prosseguem o fortalecimento do bloco político-militar da ANZUS, incentiva o desenvolvimento de contactos mais estreitos desta com outra aliança político-militar da região: a ANZUK. Cresce continuamente em todos os países-participantes destas alianças a actividade política, militar e económica de Washington. Não cessam os seus esforços de transformar em instrumento dócil da sua política agressiva a associação dos países do Sudeste da Ásia: a ASEAN. Os Estados que integram esta associação são submetidos a uma

grosseira pressão política e chantagem nos problemas da concessão de «ajuda» económica e de outra índole...»

«Revista Internacional», Praga,
Outubro de 1984.

Joseph Fromm, jornalista americano

«Entre os 8 tratados de segurança mútua que ligam Washington a diferentes países, 5 foram concluídos com Estados desta região (Sudeste da Ásia — N. do A.): Japão, Coreia do Sul, Filipinas, Tailândia e os países-participantes do bloco da ANZUS — Austrália e Nova Zelândia. Os EUA também estão ligados indirectamente à defesa de Taiwan (Formosa — N. do A.), apesar da denúncia oficial do tratado com este país no período do estabelecimento de relações diplomáticas com Pequim. Agora, Washington tenta fortalecer a capacidade defensiva desta região sem arcar ele próprio com um fardo tão oneroso, mas isto é impedido por factores políticos e emocionais.»

«U.S. News and World Report», Washington,
20 de Agosto de 1984.

Lucio Leante, jornalista italiano

«Os gastos militares do Japão muito em breve irão superar 1% do produto nacional bruto, percentagem que ainda em 1976, por decisão dos governos japoneses, inclusive o actual, seria o limite. Já em 1982, este número foi de 0,98% (ao todo foram gastos 12 mil milhões de dólares). Mas, é possível que este limite seja superado... em vista do cumprimento do programa quinquenal corrente de modernização e devido às exigências formuladas pela comissão mista nipo-americana. Ao conservar o difícil equilíbrio entre a observância da constituição e a realidade política, o Japão é obrigado a ter em conta as limitações impostas à exportação de armamento pela sua legislação. Mas, justamente nas vésperas da visita de Ronald Reagan a Tóquio, o governo do Japão assinou pela peimeira vez na História um acordo prévio sobre a exportação de tecnologia bélica para os EUA.»

«Il Mondo», Roma,
22 de Dezembro de 1984.

Capítulo III

Jugo financeiro e neocolonialismo

As escalas monstruosas da corrida armamentista moderna obrigam as principais potências imperialistas, antes de tudo os Estados Unidos, secundados pela Inglaterra, França, RFA, etc., a intensificar o jugo financeiro em relação aos países capitalistas mais fracos, a apertar o laço da dependência neocolonialista no pescoço dos jovens Estados que conquistaram recentemente a sua independência nacional. Nesta esfera, os EUA empreendem esforços especiais, ao se apropriarem de capitais nos mercados dos seus parceiros capitalistas, ao obrigarem estes últimos a aumentar os seus próprios gastos militares e a comprar armamentos americanos caríssimos e ao restringirem por todos os meios ao seu alcance o comércio mutuamente vantajoso com os países socialistas. O duro fardo oneroso da dívida financeira recai igualmente sobre os países em vias de desenvolvimento, onde as corporações multinacionais implantam diversas formas de escravidão moderna, praticam o arbítrio na economia e tentam apoiar-se nos destacamentos de choque do neocolonialismo, como sejam, o racismo, o sionismo e o apartheid.

«Decadência» da Europa Ocidental

Nos meados da década de 80, os aliados dos EUA na Europa Ocidental e, em menor escala, o Japão, viram-se em difícil situação económica. As crescentes despesas com a corrida aos armamentos que os países da Europa Ocidental são obrigados a fazer sob a pressão de Washington, as elevadas tarifas bancárias e a política proteccionista dos EUA — tudo isto re-

duz as possibilidades da Europa Ocidental de modernizar a produção e de participar em bases iguais na concorrência com as firmas americanas nos mercados da produção que requer a mais alta tecnologia e o maior dispêndio científico. Daí decorrem os ritmos extremamente morosos de saída da crise económica, a vaga de falências que fustiga as empresas oeste-europeias, o crescente e indeclinável aumento do desemprego.

G. Merritt, publicista americano

«O estado da economia enferma da Europa agravou-se sumamente em 1984, e o prognóstico para 1985 e em diante também não promete nada de bom... Primeiro não se notava o quanto era profunda a decadência da Europa. Em certa medida, a actividade das corporações transnacionais americanas na Europa dificulta o esclarecimento das insuficiências do desenvolvimento industrial da comunidade europeia. Mas, nos últimos tempos, a Comissão das Comunidades Europeias empenha-se em fazer ver as pessoas o facto de que a parcela da CEE no mercado mundial de informática é duas vezes menor do que a devida. Pior ainda, este atraso está a abater o gosto da Europa pela nova técnica criadora de riquezas...»

«International Herald Tribune», Paris, 4 de Janeiro de 1985.

Alessandro Natta, Secretário-Geral do Partido Comunista Italiano

«...A corrida aos armamentos nucleares e convencionais mina a economia, sendo uma razão profunda das dificuldades do mundo industrialmente desenvolvido e fonte de desgraças para os países em vias de desenvolvimento... Os Estados Unidos... recompõem o imenso défice do orçamento estatal (cerca de 40 biliões de liras em 1984), criado no fundamental por conta dos gastos militares, por meio de maquinações financeiras. Podemos perguntar: qual é a causa do crescimento económico dos Estados Unidos? A verdade consiste em que até as nossas desgraçadas liras contribuem para este milagre. Os capitais são arrecadados no mercado ocidental e desse modo a Europa paga pelos mísseis e a

prosperidade económica americana com a estagnação e o desemprego.»

«L'Unità», Roma, 16 de Setembro de 1984.

De um artigo da revista principal dos círculos de negócios dos EUA

«...O representante do presidente (Reagan—N. do A.)... Bim Brock declarou: 'Nos próximos 4 anos ides ver uns Estados Unidos muito mais agressivos, muito menos tolerantes tanto nas relações bilaterais como nas multilaterais'. Assim, por exemplo, a Casa Branca alarmada com a penetração crescente no mercado dos EUA da tecnologia estrangeira de produção de meios de comunicação num valor de 20 mil milhões de dólares anuais, a julgar por tudo, está disposta a aceitar a variante modificada do projecto-de-lei apresentado pelo senador John Danforth, que prevê um aumento das tarifas alfandegárias impostas a esta tecnologia.

É desagradável pensar nas consequências deste beco sem saída. E embora os acontecimentos dos últimos 4 anos obriguem a todos a se precaverem das afirmações sobre uma vinculação indiscutível entre o défice, as tarifas bancárias e a cotação das divisas, a inoperância no presente quase garante um crescimento vertiginoso do défice quando se iniciar a depressão inevitável».

«Fortune», Chicago, Janeiro de 1985.

Do artigo de fundo de uma revista francesa

«A animação na economia de 24 países integrantes da Organização de Cooperação e Fomento Económico não baterá nenhum recorde...

Atraídos pela possibilidade de obter vultuosos juros dos capitais de empréstimo, os senhores do capital não só dos países em vias de desenvolvimento, como também dos países industrialmente desenvolvidos não se apressam a investir recursos na economia dos seus países.

A política financeira dos EUA facilita isto, promulgando intencionalmente novas franquias que, por exemplo, garantem o carácter anónimo dos investidores estrangeiros, liberando-os do pagamento de impostos nos seus países. Na situação formada, os

parceiros dos EUA transformaram-se em observadores passivos, embora uma das consequências da alta do dólar tem sido o agravamento da situação económica dos seus países num período de estagnação na indústria e também de défice nas suas balanças comerciais.»

«Afrique-Asie», Paris, Março de 1985.

Marie Lavigne, catedrática da Universidade de Paris

«Sérias divergências separam os EUA e a Europa Ocidental quanto ao problema do comércio entre o Leste e o Ocidente. Os EUA encaram este comércio do ponto de vista político e consideram que nele são inadmissíveis critérios comuns do intercâmbio. Os países da Europa Ocidental, por sua vez, encaram as relações comerciais com os países da Europa Oriental como esfera de interesses económicos. Washington tenta aplicar uma política de 'diferenciação activa' das relações com a URSS e os países que seguem a sua política. Mas nem Margaret Thatcher, nem Mitterrand estão dispostos a aplicar uma 'linha dura' nas relações comerciais com a URSS. Do mesmo modo, a RFA não está disposta a sacrificar as suas relações com a RDA em proveito dos interesses políticos americanos. Na CEE, com base num acordo extra-oficial dos ministros da indústria, foi aprovada a resolução de estudar a influência sobre as firmas europeias ocidentais das restrições impostas pelos Estados Unidos à exportação de tecnologia. Os círculos industriais da Europa Ocidental vêem cada vez com maior clareza nesta política dos EUA uma medida de defesa indirecta das firmas americanas face à concorrência nos mercados internacionais».

«Le Monde Diplomatique», Paris, Março de 1985.

Os países em vias de desenvolvimento nas malhas das dívidas

A política financeira dos Estados imperialistas voltada no sentido de garantir a corrida aos armamentos fere em especial os países em vias de desenvolvimento que no decénio passado foram forçados a contrair grandes dívidas para a realização de diferentes programas de fomento. Actualmente face à brusca mudança na conjuntura mundial, estas dívidas adquiriram a sua própria inércia do crescimento, privando os Estados-devedores dos meios de subsistência, semeando neles o descontentamento social. A dívida externa no montante de 360 mil milhões de dólares tornou-se o mais importante problema para os países da América Latina e da bacia das Caraíbas. A dívida externa de todos os países em desenvolvimento atingiu a soma colossal de 900 mil milhões de dólares.

Fidel Castro Ruz, Primeiro Secretário do CC do Partido Comunista de Cuba e Presidente do Conselho de Estado e Conselho de Ministros da República de Cuba

«...Já nos fins de 1982, a dívida externa (de todo o «terceiro mundo»— N. do A.) estava a atingir 600 000 milhões de dólares, isto é, que ia de 10 em 10, de 30 000 (em 1971 — N. do A.) a 300 000 (em 1979— N. do A.), depois ao dobro de 300 000, e depois ao triplo. Agora é exactamente o triplo, e o problema provocou uma crise. Agora a América Latina, só ela, deve mais do que devia todo o «terceiro mundo» em 1979. Quer dizer, a crise amadureceu, agravou-se terrivelmente, tornando-se insuportável... É preciso compreender bem o problema: a dívida (externa— N. do A.) é um cancro, compreende-se que é um cancro que se multiplica, que liquida o organismo, acaba com o organismo; é um cancro que requer uma operação cirúrgica.

...O imperialismo criou esta doença, o imperialismo criou este cancro que tem que extirpar-se cirurgicamente, totalmente. Não vejo outra solução. Tudo o que se afasta desta ideia, afasta-se da realidade... Vê-se que há um cancro, vê-se que há que resolver cirurgicamente o problema e há quem pergunta onde encontrar os recursos para esta operação... Em apenas um ano, o mundo desperdiça com os jogos da guerra e gastos militares um milhão de milhões de dólares, mais que toda a dívida externa do «terceiro mundo» completa. Não existe uma lógica elementar? Não poderá compreender qualquer ser humano? Qualquer cidadão, qualquer que seja a sua ideologia não poderá compreender que valeria a pena liquidar esta dívida com uma pequena parte dos gastos militares? Porque não falamos da dívida da América Latina, falamos da dívida do «terceiro mundo». No máximo, e conforme os interesses, uns 12% dos gastos militares seriam suficientes...

Não tenho a mínima dúvida, e sei pelas declarações feitas e sei como pensam, de que os países socialistas apoiariam também o «terceiro mundo» nesta luta por resolver a crise económica, o problema da dívida... O problema da dívida, antes de ser financeiro, é fundamentalmente político, e como tal deve ser encarado. O que está em jogo não são as contas dos credores internacionais, senão a vida de milhões de pessoas que não podem sofrer a permanente ameaça de medidas recessivas e do desemprego que trazem a miséria e a morte...»

Do discurso proferido no Encontro de políticos, estadistas e personalidades sociais da América Latina e da bacia das Caraíbas. «Granma», 12 de Agosto de 1985.

Didier Ratsiraka, Presidente da República Democrática do Madagáscar

«Hoje em dia estamos ainda unidos, naturalmente, unidos pela aparência da soberania estatal, unidos pelo sistema de exploração, pelo sistema do imperialismo internacional. Quantos países não-alinhados de 1979 a 1983 se viram forçados a adaptar-se ao aprofundamento da crise internacional... Os países em vias de desenvolvimento estão entre a espada e a parede, um após outro caem com a respiração transpassada na armadilha artificiosamente montada pelo imperialismo...»

Do discurso pronunciado na Conferência Cimeira dos Países Não-Alinhados em Nova Deli. «Madagascar Matin», Antananarive, 12 de Março de 1983.

Amadou Guéya, jornalista senegalês

«A pressão económica dos EUA sobre os países do 'terceiro mundo'... como é do conhecimento público, está chamada a cobrir o défice federal provocado pelos enormes gastos militares do Pentágono. O facto de que os EUA, tendo uma dívida 7 vezes maior do que todos os países do 'terceiro mundo' e uma população 12 vezes menor, não encontraram nada melhor do que meter a mão no bolso do pobre, indica para a nova virada que pode ser definida com as palavras: 'O forte impõe a sua vontade'. Com a chegada de Reagan ao poder, os países do 'terceiro mundo'

passaram a ser o cenário principal de manifestação do hegemonismo americano.»

«Le Soleil», Dacar, 24 de Fevereiro de 1985.

William Pomeroy, publicista americano

«Segundo algumas avaliações, o total da dívida externa dos países em vias de desenvolvimento constitui a soma vultuosa de 840 mil milhões de dólares. São poucos os países-devedores que se encontram em condições de continuar a pagar os juros, sem falar já do pagamento do empréstimo fundamental.

O fardo das dívidas, mais oneroso agora com o aumento vertiginoso das tarifas bancárias pela administração Reagan, reduziu a zero os programas de fomento destes países. Supunha-se que estes programas seriam financiados mediante empréstimos do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional (FMI), dos governos ocidentais e de numerosos bancos particulares. No decorrer de um longo tempo com o capital emprestado estão a ser saldados os juros pelos empréstimos em vez de este ter sido canalizado para o fomento da economia.

Deu-se uma brusca redução dos projectos de industrialização no Brasil, Nigéria, Indonésia e em muitos outros grandes países que antes eram encarados na qualidade de modelos e centros de fomento...

Os dirigentes destes países em vias de desenvolvimento terão de empreender algumas acções decididas para rebater esta última ofensiva das potências imperialistas e das suas organizações.»

«Canadian Tribune», Toronto, 22 de Outubro de 1984.

Lia Añe Aguiloche, colaboradora do Centro nacional de pesquisas dos problemas da economia mundial (República de Cuba)

«Desde 1981 até 1983, isto é, em apenas 3 anos, a dívida dos países da América Central e das Caraíbas aumentou para o dobro. Segundo dados fornecidos pelo próprio governo dos EUA, a dívida dos países centro-americanos, nos fins de 1983, constituía no mínimo 14,5 mil milhões de dólares...

A situação agrava-se, além de tudo o mais, devido à fuga em massa de capitais. De acordo com pesquisas especiais, somente

em El Salvador o refluxo de capital foi de 2 a 3 mil molhões de dólares...

Não há a necessidade particular de apresentar um grande número de dados estatísticos para enfocar o panorama social dos países da América Central e das Caraíbas, já que nas condições da crise económica pode-se notar sem isto a desigualdade em aprofundamento na distribuição dos ingressos, a baixa vertical dos vencimentos e dos salários, o alto nível de desemprego e de emprego parcial, bem como do analfabetismo».

«Bohemia», Havana,
7 de Dezembro de 1984.

Kevin Lahart, jornalista americano

«Não é por acaso que os países da América Central são chamados 'repúblicas de bananas'. Por mais humilhante que seja este congnome, há para tanto alguns fundamentos económicos. As bananas e outros produtos alimentares—açúcar, café, carne, etc. constituem a base da economia desses países: eles vendem esta produção e em troca adquirem produtos químicos, equipamentos, petróleo e peças sobressalentes.

Uma economia tão unilateral é assaz vulnerável quando no mundo surge uma depressão económica. E se as dificuldades económicas são acompanhadas por agitações políticas, então a vulnerabilidade aumenta muito mais.

A Nicarágua, de facto, está a viver sérias dificuldades. Além disso, segundo a opinião de muitos especialistas, após o embargo americano à importação e exportação é de aguardar um agravamento da situação, pelo menos a curto prazo, sendo que não só para a Nicarágua, como ainda para os países vizinhos.

O embargo causará prejuízos...

O representante do Ministério das Finanças dos EUA declarou que estes impuseram dois tipos de sanções desde 1981: em 1981 eles cessaram a ajuda económica e em 1982 reduziram verticalmente a quota nicaraguense de açúcar.

Contudo, os especialistas referem também outras medidas. O colaborador científico do Instituto da economia mundial de Washington Herry Hafbauer citou um número bem maior de sanções. 'Em Janeiro de 1981, Reagan congelou a ajuda, ratificada pelo Congresso, no valor de 15 milhões de dólares. Proibiu também a venda de trigo no valor de 9,6 milhões de dólares. A seguir, no mesmo ano de 1981, os EUA denegaram o pedido da Nicarágua sobre a concessão de um empréstimo de 30 milhões

através do Banco de Fomento Interamericano. Em Junho de 1983, os EUA bloquearam o pedido da Nicarágua sobre a prorrogação do projecto de construção rodoviária, 'cortando' assim as verbas suplementares. Em Maio de 1983, os EUA mudaram o quota de importação do açúcar nicaraguense. No mesmo ano, os EUA declararam que não permitiriam que Banco Mundial concedesse empréstimos à Nicarágual..

Richard Fainberg, vice-presidente do Conselho de Fomento Internacional, sediado em Washington, declarou que a acção dos Estados Unidos causou prejuízos ao Mercado Somum Centro-Americano e continuará a causar-lhe danos, porquanto ela 'solapa a confiança para com a América Central em conjunto».

«Newsday», Nova Iorque,
5 de Maio de 1985.

Dennis Sassou-Nguesso, Presidente do CC do Partido Congolês do Trabalho e Presidente da República Popular do Congo

«O imperialismo estendeu pelo mundo inteiro os seus tentáculos, intensificando o saque aos povos do 'terceiro mundo'... Na África, a situação continua a ser dura. A exploração imperialista juntamente com as calamidades naturais—secas e inundações—colocaram o continente numa situação catastrófica...»

«Mveti», Brazzaville,
3 de Agosto de 1984.

Bendjedid Chadli, Secretário-Geral da Frente de Libertação Nacional e Presidente da República Democrática e Popular da Argélia

«A Argélia tem consciência do significado da solidariedade entre os países do 'terceiro mundo' nas condições da crise actual. Ela considera que a luta destes países contra a política, aplicada pelas potências dominantes no sentido financeiro, é necessária para a liquidação da crise e para o estabelecimento de uma nova ordem económica internacional que sirva toda a Humanidade».

Da Mensagem sobre a situação no país.
«El-Moudjahid», 31 de Outubro de 1984.

Kate Clark, jornalista inglesa

«Muitos provavelmente pensam que a seca na África é uma calamidade natural e que tudo se reduz a isto. Mas será assim?

Os países da África onde seres humanos morrem de fome, são obrigados a vender ao estrangeiro as colheitas que proporcionam ingressos de divisas.

As divisas conversíveis assim obtidas vão parar no fundamental aos cofres das corporações transnacionais e frequentemente são canalizadas para a materialização de projectos prestigiosos, mas não para... alimentar a sua própria população. Os governos destes países não estavam em condições de modernizar a sua economia, principalmente porque isto não atendia aos interesses das ex-metrópoles. A política destas potências em relação às suas ex-colónias é conhecida como 'neocolonialismo', ou seja, 'nova' forma de colonialismo».

«Morning Star», Londres,
9 de Fevereiro de 1985.

Manchas vergonhosas da escravidão

O imperialismo não só emprega o trabalho de milhões de proletários, como ainda explora um contingente imenso de autênticos escravos privados de todo e qualquer direito. É a escravidão mais vergonhosa, pois trata-se da venda de crianças e mulheres para o trabalho forçado, mais ainda, para satisfazer os prazeres dos ricos e poderosos.

A escravidão moderna imperialista manifesta-se de formas singulares no Hemisfério Ocidental, nos países da América Central e das Caraíbas. O desemprego, a carestia de vida e a extrema miséria obrigam muitos cidadãos destes países a abandonar as suas terras natais e a infiltrar-se, como emigrantes ilegais, nos Estados Unidos da América. Lá aguarda-os o destino de jornaleiros sem direitos que trabalham por qualquer preço.

Merryll Sheils, jornalista americano

«Mais de 30 milhões de americanos vivem agora abaixo do nível da pobreza (segundo o critério oficial, considera-se pobre

toda a família de quatro membros, cujos ingressos anuais são no máximo de 9.287 dólares). Sem dúvida, são as minorias nacionais que se encontram em pior situação. O índice de pobreza entre os brancos é de 11%, entre os latino-americanos—de 26,5% e entre os negros—de 34,2%.

«Newsweek», Nova Iorque,
17 de Janeiro de 1983.

Eduardo Chamorro, jornalista espanhol

«Na Brixton Road, lá, onde Londres começa a perder a sua aparência autosuficiente de grande e impressionante capital, encontra-se uma pequena casa (n° 180) de época victoriana com uma minúscula placa na porta de madeira: 'Associação britânica de combate à escravidão'.

Tudo isto poderia parecer um anacronismo ou, talvez, um convite a visitar algum museu, se no presente momento 100 milhões de pessoas em todo o globo terrestre não vivessem sob o jugo de uma ou outra forma de escravidão».

«Cambio-16», Madrid,
5 de Novembro de 1984.

Richard Belfield e Su Carroll, jornalistas ingleses

«Parece que existem agora poucos órgãos do Estado que estejam preocupados presentemente com o problema do trabalho infantil. Este trabalho, assim como no século XIX, seduz muitas pessoas. Contudo, ele está ligado a um risco considerável. Na opinião dos representantes de 'Low Pay Unit', em 1985, 59 mil crianças sofrerão lesões no trabalho, devido às quais serão forçadas a ir ao médico. Não há dados oficiais sobre o traumatismo infantil na produção e sobre os casos de morte. Enquanto que a certidão de óbito de adultos é assinada pelo juiz de instrução que se ocupa do caso de morte súbita, se se trata de crianças isto não é feito. Fleet Street (rua, onde se situam as redacções dos jornais ingleses—N. do A.) também se mostra indiferente para com o problema do trabalho infantil, embora cerca de 700 mil crianças estejam ocupadas com a distribuição dos rotativos. E estas crianças não estão asseguradas em absoluto de sérias ameaças à sua saúde e vida durante tal trabalho: o risco dos acidentes na estrada».

«New Statesman», Londres,
1 de Fevereiro de 1985.

Do artigo de fundo de um jornal suiço

«Milhões de crianças em todo o mundo dos 5 aos 14 anos de idade vêem-se obrigadas a trabalhar por um mísero salário. Na Índia, Paquistão e Bangladesh, a miséria obriga milhões de adolescentes a trabalhar em de 10 a 12 horas junto ao tear, nos campos agrícolas e nas sufocantes oficinas por um pagamento diário que não chega a 10 francos...»

«Voix Ouvrière», Genebra,
18/24 de Outubro de 1984.

Do artigo de fundo de um jornal indiano

«São simplesmente chocantes os relatórios sobre a escravidão sexual, apresentados pela Federação Internacional de Luta contra a Escravidão e a Associação Internacional dos Juristas Democratas na conferência de Viena. A pornografia e a prostituição já se tornaram há muito tempo um «business» no valor de muitos milhares de milhões de dólares. Mas, nos dias de hoje, foi inventado um novo método, com a ajuda do qual a procura e a oferta neste «business» obsceno estão organizadas em escala internacional. Milhões de mulheres e crianças do «terceiro mundo» ou são vendidas e transportadas para o Ocidente e o Japão, ou são iniciadas nos bordéis que oferecem os seus serviços especiais aos estrangeiros que chegam, por exemplo, ao Extremo Oriente nos seus «viagens sexuais». A pornografia e a prostituição infantil, bem como o «sex-turismo» são, na realidade, novas direcções de aumento da exploração sexual.»

«The Times of India», Nova Deli,
12 de Setembro de 1984.

As corporações da peçonha

As corporações químicas trasnacionais, produtoras de uma quantidade cada vez maior de substâncias altamente tóxicas e perigosas para o meio ambiente, procuram transferir a produção destas substâncias para os países em vias de desenvolvimento, bem como realizar lá as experiências com o seu emprego contra a natureza orgânica. Nos últimos tempos, semelhante prática já conduziu a grandes desastres que causaram um enorme número de vítimas humanas.

Richard World, jornalista americano

«Na noite de 2 para 3 de Dezembro de 1984 uma nuvem de gás extremamente tóxico — o isociatato de metilo — pairou sobre a cidade de Bhopal no centro da Índia, causando 2500 mortes e intoxicando dezenas de milhares de pessoas. Muitas das vítimas ficaram inválidas para o resto da vida: umas cegas parcial ou totalmente, outras débeis mentais devido às lesões cerebrais sofridas como resultado da falta de oxigénio. Quase todas as vítimas viviam numa pobre aldeia perto da fábrica da companhia «Union Carbide» produtora de substâncias tóxicas químicas, onde ocorreu um escape de gás venenoso. Este é o maior desastre industrial na História».

«Afrique-Asie», Paris,
31 de Dezembro de 1984.

Sadhan Mukherjee, publicista indiano

«Ao que parece, ainda não se conhece todos os aspectos ocultos do assassinato em massa ocorrido em Bhopal... Mas no caso presente a coisa chegou ao genocídio, que os militaristas dos EUA cometeram...

A autópsia dos corpos dos falecidos, realizada na clínica de Bombaim, mostrou que os órgãos de maior importância vital mais atingidos foram o fígado e os rins. E isto leva a crer que o cianeto faz parte da composição dos gáses tóxicos.

Todavia, é ainda mais inquietante um facto estabelecido pelos especialistas de Nova Deli. Eles descobriram que a «Union Carbide» concluira um acordo sobre a realização de experiências com novas substâncias químicas nas condições tropicais. A soma dos pagamentos «Union Carbide» em Bhopal havia uma secção separada que incluía três estufas e cinco laboratórios, onde se realizavam experiências com insectos. Resumindo, estavam em marcha experiências com novas substâncias tóxicas».

«New Age», Nova Deli,
23 de Dezembro de 1984.

Mássimo Conti, jornalista italiano

«O perigo das catástrofes é especialmente grande nos países do «terceiro mundo», onde as corporações transnacionais têm preferência em construir as suas fábricas químicas... Nestes países, as medidas de segurança e de prevenção tomadas pelas companhias estrangeiras têm um carácter meramente formal ou pelo menos, são menos rigorosas do que nos países industrialmente desenvolvidos. Os poderes locais, por sua vez, frequentemente não insistem muito em aumentar a eficácia destas medidas, pois são vítimas da chantagem das transnacionais que ameaçam construir as suas fábricas noutros locais. Assim, por exemplo, em Bhopal as fábricas da «Union Carbide» não estavam equipadas com todos os sistemas de segurança empregados pela mesma companhia nos EUA, Brasil e França...

Além disso, nos países em vias de desenvolvimento as companhias transnacionais produzem substâncias químicas de tal forma perigosas que o seu fabrico é proibido nos países industrialmente desenvolvidos».

«Panorama», Roma,
17 de Dezembro de 1984.

Apoio ao racismo, apartheid e sionismo

As tétricas reincidências do racismo nos países imperialistas desenvolvidos entrelaçam-se com o apoio consciente ao racismo na África do Sul, onde ele adquire formas repelentes de discriminação racial, segregação e apartheid e, em muitos casos, de genocídio também, ocorrendo o mesmo no Próximo Oriente onde ele assume as formas do sionismo. E isto não é casual. O imperialismo cria conscientemente destacamentos de choque de racistas para a luta contra os movimentos de libertação nacional.

Do artigo de fundo de um jornal americano

«Israel e a África do Sul estão separados por muitas milhas, mas desempenham o mesmo papel: tomados em conjunto, eles

abrem as portas do continente africano pelo norte e pelo sul para o imperialismo americano».

«Daily World», Nova Iorque,
26 de Março de 1985.

Alfred Nzo, Secretário-Geral do Congresso Nacional Africano da África do Sul

«O terrorismo transformou-se em política de Estado na África do Sul. É política de um sistema em fenecimento... As repressões não são uma prova da força do regime. Um animal ferido torna-se mais agressivo nos últimos instantes de vida. Isto explica o comportamento dos racistas quando eles atacam a população desarmada...

Os povos vêm agora a verdadeira face do apartheid. Ele é defendido pelos países imperialistas, tais como os EUA que recorrem ao direito de veto no Conselho de Segurança da ONU sempre que a comunidade internacional planeia empregar sanções contra o apartheid».

Da entrevista ao jornal «Moscow News»,
16 de Dezembro de 1984.

Carole Douglis, Stephen Davis,
jornalistas americanos

«A República da África do Sul, último reduto do governo da minoria branca no continente africano, é denominada no Ocidente de fortaleza inexpugnável com indústria desenvolvida e armamento moderno. Washington aposta em especial no regime de Pretória como num guardião seguro das vias marítimas em torno do cabo da Boa Esperança e na economia da RAS como numa esfera garantida de investimentos de capital...

A política de 'colaboração construtiva' com o regime de Pretória, aplicada pela administração americana, não proporcionou nada de bom às vítimas do apartheid. Ela apenas fortaleceu a máquina bélica da RAS. A administração Reagan vinculou estreitamente os EUA ao regime sul-africano, cuja política está condenada ao fracasso...»

«Harper's Magazine», Nova Iorque,
Dezembro de 1983.

Russell Watson, jornalista americano

«Pelo menos 20 cidades americanas foram cenário de manifestações contra o apartheid. Desde o início da campanha nos fins de 1984 até hoje foram detidas quase 2.000 pessoas, e embora ninguém tenha sido encarcerado por enquanto, os participantes das marchas de protesto expressaram os seus ânimos de modo muito eloquente. Já há 4 anos que o presidente dos EUA leva a cabo a política de «colaboração construtiva» no intuito de conseguir convencer a RAS branca a comportar-se melhor. Durante algum tempo, parecia que esta política surtia algum efeito. Mas, entretanto, na povoação africana de Crossroad ocorreu uma explosão de violência. As tropas de segurança da RAS mataram 18 participantes do protesto e, enquanto o derramamento de sangue ainda prosseguia, a polícia prendeu 8 dirigentes políticos africanos moderados, acusados de traição. A julgar por estas agitações e prisões, a 'colaboração construtiva' chegou ao seu termo».

«Newsweek», Nova Iorque,
11 de Março de 1985.

Desmond Tutu, bispo da Igreja Anglicana da África do Sul, prémio Nóbel

«Ao apoiar a política do apartheid, o governo americano incentiva o governo sul-africano e a minoria branca a aplicar uma política cada vez mais repressiva.

«Le Drapeau Rouge», Bruxelas,
9 de Novembro de 1984.

Inquilab, publicista sul-africano

«...Precisamente porque a África do Sul é a base principal do imperialismo no continente africano, o imperialismo intensificou a sua actividade nesse continente para: a) conservar o actual regime e b) dirigir e controlar todos os processos que ocorrem na região. Ao recordarmos que o imperialismo compartilha a responsabilidade pela violência e crueldade contra o povo da África do Sul, nunca devemos esquecer que apesar de todos os seus 'protestos' por motivo da violação dos direitos do Homem e da sua 'aversão ao apartheid', os amigos dos nossos inimigos são nossos inimigos...»

«Political Affairs», Nova Iorque,
Fevereiro de 1985.

Taissir Kubba, membro do Conselho Central da Organização de Libertação da Palestina

«...Há alguns anos, a Organização das Nações Unidas condenou o sionismo como forma de racismo e de discriminação racial. Estamos convictos de que as forças progressistas do mundo inteiro devem tomar posições novas e mais firmes, e empreender actos decididos para que Israel não aplique a 'lei da selva' no Líbano. Apesar de toda a crueldade dos sionistas, nem a Organização de Libertação da Palestina (OLP) nem os seus aliados — as forças antifascistas e anti-sionistas — foram liquidadas. Não haverá paz no Próximo Oriente enquanto existir o sionismo, porquanto as suas guerras e a sua ânsia expancionista, bem como os objectivos do seu aliado principal — o imperialismo americano — estão voltados contra os interesses dos povos desta região que aspiram à conquista da paz, do progresso e da democracia».

Do discurso perante a Comissão
Internacional para a Investigação
dos Crimes de Israel contra
os Povos Palestino e Libanês. Outono de 1982.

Lee Heller, jornalista americano

«Nos últimos 10 anos, Israel e a África do Sul sentiram-se cada vez mais isolados... Ambos estão unidos pelo seu ódio votado ao comunismo... Os dois sentem também a proximidade imediata dos grupos guerrilheiros nas suas fronteiras. Face a tal isolamento, estes Estados aproximam-se mais estreitamente um do outro, almejando a segurança mútua, e, como resultado, recorreram a todos os expedientes para obter os armamentos modernos... e criaram também os seus próprios ramos de produção bélica. Tinham à sua disposição a mais moderna tecnologia de Israel e as ricas fontes de matérias-primas da África do Sul e os seus cofres relativamente cheios...»

«People's World», S. Francisco,
5 de Janeiro de 1985.

Imperialismo informativo

As potências regentes do imperialismo recorrem aos meios modernos de comunicação

social — imprensa, rádio e televisão — para induzir ao engano os povos dos Países Não-Alinhados e distrair a sua atenção da essência dos problemas com que se debatem. Os EUA, a RAS e outros países do Ocidente travam uma verdadeira «guerra psicológica» contra os Estados libertados. O recente exemplo da rádio-agressão ideológica dos EUA contra um Estado soberano, desta feita, Cuba, ou seja, as transmissões da «Rádio Martí», cujo objectivo, segundo a cínica declaração dos círculos governamentais de Washington, consiste em «levar toda a verdade ao povo cubano». Os organizadores da agressão informativa tentam por todos os meios desacreditar o curso independente dos jovens Estados em vias de desenvolvimento e caluniar os programas de fomento económico e político. Ao ampliar a «guerra psicológica», o imperialismo espera entravar os êxitos da luta de libertação na América Latina, Ásia e África. Isto desperta o crescente descontentamento nos países destes continentes.

Do artigo de fundo de uma revista de Zimbabwe

«No essencial são 4 as agências informativas transnacionais que seleccionam a informação e a difundem pelo mundo inteiro e focalizam a maioria dos acontecimentos que ocorrem no mundo. São conhecidas como o 'grande quarteto': a agência France Presse, as americanas Associated Press e United Press International e a inglesa Reuter's...

Compreende-se perfeitamente porque é que estas 4 agências informativas transnacionais monopolizaram praticamente toda a informação internacional. A falta de informações de um país em vias de desenvolvimento para outro conduz ao facto de os povos destes países se virem uns aos outros com os olhos dos repórteres estrangeiros, cujo sistema de valores e até os seus preconceitos se reflectem frequentemente nas suas informações. Como consequência, isso transforma-se num certo tipo de imperialismo informativo.

Embora a maioria dos países do 'terceiro mundo' tenha conquistado a independência política, muitos deles continuam a estar dependentes no sentido económico. Os países em vias de desen-

volvimento recebem quase toda a informação através das agências transnacionais.

A actividade destas agências está ligada indissoluvelmente à publicidade, às revistas, aos programas radiofónicos e televisivos, ao cinema e ainda à prática das corporações transnacionais. Na maioria dos países de 'terceiro mundo' a verdadeira cultura nacional retrocede ante pressão dos programas televisivos estrangeiros e do outros meios de comunicação social».

«Moto», Harare, Janeiro de 1985.

Abdel Wahab El-Zintani (Líbia), Presidente da Organização de Solidariedade dos Povos da Ásia e África

«O estabelecimento da nova ordem informativa não é um problema menos importante do que a consagração de relações económicas mútuas com base na igualdade de direitos entre os Estados. Não basta conquistar a independência política e assegurar um fomento económico normal. Os Estados libertados devem ser autónomos também na esfera da informação. Deve ser posto fim à infiltração das ideologias inimigas. Foi precisamente para espalhar tal ideologia que as potências ocidentais monopolizaram os meios de comunicação social dos jovens Estados independentes. A luta pelo direito de controlo dos nossos próprios meios de comunicação social tornou-se parte importante da luta anticolonial e anti-imperialista».

Da palestra com correspondentes do «Moscow News», 16 de Dezembro de 1984.

Adane Fetlework, membro do CC do Partido do Trabalho da Etiópia

«O imperialismo dos EUA intensificou a guerra psicológica contra países revolucionários, contra o Afeganistão e a Etiópia. Os meios ocidentais de comunicação social proporcionam um quadro deformado da situação real no Afeganistão...»

«Kabul New Times», 8 de Dezembro de 1984.

Da sucursal do jornal «Daily World» em Washington

«Uma rádio-emissora governamental dos EUA com estúdios em Washington e transmissores instalados na Flórida começou a

difundir uma propaganda hostil anticubana durante 14 horas diárias.

Manuel Gomez, director do Comité cubano-americano em Washington declarou que esta radioemissora 'não corresponde aos interesses americanos. Ela reflecte a política arrogante que os EUA aplicam em relação aos pequenos países latino-americanos. Prestamos depoimentos nas comissões do senado e da câmara dos representantes contra a concessão de fundos para este projecto'.

Sandra Levinson, directora do Centro de pesquisas cubanas em Nova Iorque, declarou: 'É um esbanjamento inútil de dinheiro. Isso não mudará nada e somente prejudicará a possibilidade de melhorar as relações entre os EUA e Cuba. Penso que a meta da Rádio Martí consiste em minar o governo cubano. Todavia, se mais de 20 anos de bloqueio económico por parte dos EUA não conseguiram isso, decerto não o conseguirão as rádio--transmissões...'

Michael Mayerson, secretário executivo do Conselho da Paz dos EUA declarou: 'A Rádio Martí é simplesmente o último passo na guerra não-declarada de 20 anos contra Cuba revolucionária. Esta rádioemissora representa uma ingerência grosseira nos assuntos internos de Cuba. Conferir a esta emissora o nome do notável revolucionário cubano do século XIX é o mesmo que chamar 'pacificadores' aos mísseis MX, às armas para a 'guerra das estrelas' no espaço cósmico de 'iniciativa defensiva estratégica, e denominar os 'contras' terroristas de 'combatentes pela liberdade' como o faz o presidente Reagan».

«Daily World», Nova Iorque,
22 de Maio de 1985.

Capítulo IV

Ofensiva contra os interesses vitais dos trabalhadores nos países do capital

Em nome da obtenção de lucros máximos com a ajuda da corrida aos armamentos e da expansão externa, os círculos imperialistas, antes de tudo, os EUA, descarregam fardos económicos cada vez mais onerosos não só sobre os ombros dos povos dos países em vias de desenvolvimento, como ainda sobre os ombros dos trabalhadores dos próprios Estados Unidos, bem como de outras potências imperialistas, privam-nos da possibilidade de pugnar pelos seus direitos sindicais e civis.

Os ricos tornaram-se mais ricos e os pobres, mais pobres

O rigoroso Inverno de 1984/85, quando nas ruas de Washington, Paris, Madrid e de muitas outras cidades da América do Norte e da Europa Ocidental foram encontrados cadáveres congelados de pobres sem tecto, inevitavelmente devia acenturar a atenção da opinião pública para o aumento da miséria nos países do capital. A sua causa reside na redução dos programas sociais governamentais, nas medidas de «economia dura» e nas dificúldades prolongadas em muitos ramos da economia capitalista.

Ao mesmo tempo, segundo informa o jornal madrileno «El País», depois do balanço dos resultados do ano de 1984 verificou-se, por exemplo, que os bancos privados espanhóis obtiveram 144 milhões de pesetas de lucro, o que é 15% mais do que em 1983.

Deste modo, os ricos tornaram-se mais ricos e os pobres, mais pobres.

David Lawrence, publicista americano

«...Os produtores de armas e arrebatadores de lucros vivem agora melhor do que há 4 anos, enquanto que os anciãos, os pobres e os seus filhos, as pessoas há muito desempregadas e os representantes das minorias nacionais vivem pior. A causa tanto de um como de outro fenómeno reside na «reaganomia».

O programa de armamentos de Reagan num valor de um bilião de dólares ameaça toda a vida na Terra à posteriori, enquanto que a redução dos programas sociais em proveito do orçamento militar já provocou o agravamento da saúde de milhões de pessoas e ameaça as suas vidas...

Existe uma ligação intrínseca entre a política de Reagan em relação aos preparativos militares e à sua política social. Milhares de milhões de dólares foram redistribuídos e migraram dos programas sociais, inclusive a saúde pública, para o Pentágono...»

«Daily World», Nova Iorque,
8 de Novembro de 1984.

Reginald Dale, jornalista inglês

«...A agência governamental de recenseamento comunicou que o nível da pobreza aumentou de 15%, em 1982, para 15,2%, em 1983, o que corresponde a 35 milhões de pessoas e foi o mais alto nível nos últimos 18 anos. Em 1983, uma família de 4 pessoas inscrevia-se no rol dos pobres oficialmente reconhecidos caso os seus ingressos monetários fossem inferiores a 10.178 dólares. Para as famílias menos numerosas e as pessoas solitárias o nível era mais baixo ainda.

As pesquisas do congresso dos EUA, publicadas em Julho de 1984, mostraram que as reduções orçamentárias da administração Reagan lançaram 560 mil pessoas para além do limite da pobreza. Os dados governamentais comprovam que os gastos com os programas sociais prognosticados para o ano de 1984, antes do advento ao poder de Reagan, no valor de 436 mil milhões de dólares, foram reduzidos em 8,8% como consequência da política da actual administração dos EUA. Incluíam-se aí as verbas para... a alimentação infantil, o pagamento pela assistência médica, a educação pública, as reformas e os subsídios por invalidez. Mas o congresso impediu Reagan de levar a cabo todas as reduções que ele inicialmente propunha...

Num outro relatório, desta vez do independente Departamento Superior de Contabilidade do Congresso, dizia-se que em 5 cidades pesquisadas, metade das famílias, privadas da assistência social desde 1981, se viram impossibilitadas de garantir o seu sustento.

Os últimos meses proporcionaram uma avalanche de materiais análogos. Num recente relatório do Conselho de Assistência à Construção Habitacional — organização privada de Washington que se ocupa da pesquisa e da concessão de empréstimos na zona rural —, dizia-se que a pobreza no campo, que geralmente chama menos a atenção do que a sua variante urbana mais notória, começou a crescer novamente com rapidez aproximadamente a partir de 1979. Ao raiar do ano de 1984, o nível de pobreza na zona rural, provavelmente, superou a casa dos 18,4% (dados relativos ao ano de 1969) depois da sua baixa até quase 13% em 1979, assinala o relatório».

«Financial Times», Londres,
25 de Outubro de 1984.

Mike Giocondo, jornalista americano

«Os recentes letreiros sobre o problema da fome e das pessoas sem tecto, amadurecido nos EUA, expuseram uma das mais profundas chagas deste país.

Ora numa cidade, ora noutra aparecem materiais chocantes sobre o agudíssimo problema que atesta a incapacidade do governo de aliviar a dor e o sofrimento de milhões de pobres, principalmente crianças, mulheres grávidas, velhos e desempregados.

A par e passo com aqueles que vivem na pobreza, existem milhões que vivem à beira da pobreza sob o risco constante de resvalar para lá»

«Daily World», Nova Iorque,
21 de Novembro de 1984.

Sandra Kamenir, médica canadense

«...Durante o período em que o desemprego se encontrava ao nível dos 4% e a percentagem da pobreza era pouco maior, até mesmo as pessoas mais moderadas e mais sentimentais entre nós podiam pensar que 'haverá sempre pobres no nosso país'... Mas

não podemos tolerar semelhante aumento da pobreza que se observa agora na nossa sociedade. Os canadenses que querem trabalhar ou fazer uma reciclagem profissional não devem ficar tão fracos por causa da subnutrição, de contrário, não terão a possibilidade de atingir o seu objectivo...»

«Toronto Star», Toronto,
5 de Julho de 1984.

O flagelo do desemprego crónico

O contingente crónico de desempregados nos países capitalistas, que nos últimos decénios aumentou depois de cada nova crise, reduziu-se um tanto nos EUA (de 11% até aproximadamente 8%) depois da crise de 1981/82, mas na Europa Ocidental, apesar da raquítica animação, continua a crescer, batendo todos os recordes anteriores. Nomeadamente, segundo informa o jornal «El País», no primeiro trimestre de 1985, o número de desempregados espanhóis aumentou até 2.924.000 de pessoas, o que constitui 22% de toda a população activa da Espanha. Desde o momento em que chegou ao poder o governo dos socialistas, que prometeu criar 800 mil novos locais de trabalho, o contingente de desempregados cresceu em mais 690 mil pessoas. Muitos economistas ocidentais vinculam isto tanto ao processo de reestruturação geral da indústria no Ocidente, como às singularidades da produção bélica que, presentemente, por diversas razões, está a proporcionar cada vez menos locais de trabalho por capital investido do que os outros ramos da produção e da esfera dos serviços.

Carey W. English, jornalista americana

«Presentemente, a economia dos EUA debate-se com uma tarefa de importância crítica, como seja, a de criar 20 milhões de novos locais de trabalho até 1990. Tal número de lugares é necessário para atingir a meta há muito almejada, porém persistentemente fugaz, de garantir trabalho a todos equeles que o desejem...

Até mesmo a redução do desemprego em 6%—o melhor que na opinião dos especialistas podia esperar o país—exigirá suplementarmente 17,5 milhões de novos locais de trabalho até 1990. Será isto possível? Nos últimos 7 anos foram criados apenas 12,2 milhões de novos locais de trabalho. Mas existe um precedente: o desemprego já foi inferior ao nível de 6%. O desemprego chegou a descer até 3,4%, em 1969, e até menos de 5% em 1970 e 1973.

Todavia, a conquista do emprego total será uma obra dificílima, em especial, no próximo decénio.»

«U.S. News and World Report»,
Washington, 5 de Setembro de 1983.

Susana Mc Bee e Benjamin M. Cole, jornalistas americanos

«Muitos dos jovens do país estão convencidos que apesar da gradual animação da economia eles obterão apenas vantagens extremamente insignificantes ou não ganharão nada em geral. É uma geracão de desiludidos com 20 a 30 anos de idade ou pouco mais que meditam sobre a sorte do sonho americano. No passado, os americanos consideravam quase como seu direito nacional alimentar a esperança de que viveriam melhor do que seus pais: ser donos de uma casa mais ampla, conduzir um automóvel da última moda e dispor de mais dinheiro. Entretanto, hoje para muitos jovens este sonho transformou-se numa miragem em rápida dissipação.

É muito difícil aos jovens americanos, até mesmo formados nas escolas superiores, encontrar qualquer trabalho, sem falar já de um bom emprego. Os ingressos médios do seu grupo de idade reduziram-se ao nível de 10 anos atrás. Os preços das casas são astronómicos e ninguém, a não ser os ricos, podem sonhar com um automóvel novo...»

«U.S. News and World Report»,
Washington, 23 de Janeiro de 1984.

Do comunicado de um jornal oeste-alemão

«...A análise do estado do mercado europeu do trabalho proporciona o resultado mais fulminante. Naturalmente, aqui não havia fundamentos para esperar uma debilitação tão notória da tensão na esfera do emprego como nos EUA. Todavia, a diminuição do afluxo ao mercado de trabalho de pessoas desejosas de

obter emprego, permitia nutrir a esperança de que pelo menos haveria uma certa distensão. Mas nada disto ocorreu: o desemprego continuará a aumentar de modo irrefreável até ao fim da década de 80, sendo que o seu nível em 1990 superará a casa dos 11%.»

«Wirtschaftswoche», RFA,
19 de Outubro de 1984.

David White, jornalista inglês

«...Na Espanha chamam 'parados' aos desempregados. O termo não precisa de comentários. Todavia, hoje ele diz respeito a mais de 700 mil espanhóis que ainda não tiveram a chance de trabalhar na vida. O cesse do 'boom' industrial na Espanha conduziu ao mais sério desemprego na Europa Ocidental, mesmo se tivermos em conta o trabalho extra-oficial, à margem de lei. Segundo dados publicados pela Organização de Cooperação e Fomento Económico, a Espanha é o único país desta entidade, onde desde o início de 1980 estava empregada menos de metade da população activa. O nível oficial de desempregados é próximo da correlação 1:5. No grupo de idade dos 15 aos 14 anos este número é duas vezes maior.

Segundo as suposições da entidade citada, o desemprego entre os jovens atingirá, em 1985, 44% em comparação com 33% na Itália, a qual ocupa o segundo lugar pelo nível de desemprego...»

«Financial Times», Londres,
14 de Novembro de 1984.

Diana Smith, jornalista inglesa

«Graças à aplicação de uma política económica implacável a partir de 1983 e no decorrer de todo o ano de 1984, exageradamente implacável segundo a opinião de alguns economistas, pois ela conduziu a um desemprego colossal e a uma queda de 10% da capacidade aquisitiva do operariado pior pago da Europa, Portugal conseguiu melhorar substancialmente a sua balança de pagamentos...

Os operários portugueses que lutam com a vida em condições de um sistema muito fraco de previdência social e de um sistema primitivo de subsídio por desemprego, frequentemente recebem um salário muito baixo nos casos em que conseguem manter-se

no seu local de trabalho. Se um dos numerosos membros da família não dispõe de uma posição mais firme, eles tornam-se por demais vulneráveis quando perdem o seu emprego até numa companhia fraca.»

«Financial Times», Londres,
28 de Novembro de 1984.

Lawrence Ingrassia, jornalista americano

«Actualmente, os desempregados na Europa aumentam sem parar. Nos fins de 1985, quase 20 milhões de europeus estarão privados de trabalho: 11,5% da mão-de-obra, em comparação com os 18 milhões em 1984,—é esta a estimativa da Organização de Cooperação e Fomento Económico. As perdas líquidas de locais de trabalho na Europa atingiram 2 milhões. 'Claro que na Europa algo não vai bem'—diz John Morley, economista do Mercado Comum. Os 'businessmen' e os representantes de muitos governos atestam que a economia dos países europeus deve ser mais flexível e produtiva, e dispor de maior capacidade de concorrência mesmo que para isto seja necessário que uma parte dos operários renuncie a algumas de suas franquias e garantias de ocupação que eles conquistaram.»

"The Wall Street Jornal", Nova Iorque,
13 de Novembro de 1984.

Investida dos empresários contra os sindicatos

A existência de um grande contingente de desempregados e o surgimento de modernísimos ramos da produção, em primeiro lugar da bélica, que não é abarcada pelo movimento sindical, foram nos EUA e noutros países capitalistas o pano de fundo da ofensiva maciça dos empresários e das autoridades contra os sindicatos no intuito de os desmoralizar e, na medida do possível, liquidar estas organizações que defendem os direitos e os interesses dos trabalhadores.

Alexander Taylor, jornalista americano

«Os operários não foram submetidos a um tratamento tão implacável desde a década de 30»—diz Lewis Anderson, director da secção do sindicato unificado dos trabalhadores da indústria alimentar e da esfera do comércio numa das fábricas de conservas. O salário médio à hora de 110 mil operários foi reduzido de 10,69 dólares para aprocimadamente 8 dólares. Alguns operários que trabalhavam na industrialização da carne de vaca e de porco foram despedidos e substituídos por trabalhadores não filiados no sindicato e que recebem apenas 5,5 dólares por hora.

São fustigados também os membros de outros sindicatos, por exemplo, em tais ramos como a construção de automóveis, as indústrias de aço, borracha, de minas e os transportes. As suas posições nas conversações com os empreendedores foram debilitadas e os contratos de trabalho, violados; através das linhas dos piquetes penetram os fura-greves. Hoje, os operários unidos nos sindicatos defrontam-se frequentemente com o ultimato: concordar com a redução do salário ou perder o emprego. O alto nível de desemprego nestes ramos é provocado pela aguda concorrência e a morosidade do crescimento económico da produção. Embora a economia se desenvolva agora em geral, os sindicatos não restabeleceram a sua força nas conversações.»

«Time», Nova Iorque,
19 de Dezembro de 1983.

Bill Keller, jornalista americano

«Cria-se a impressão de que todo o movimento sindical está ameaçado», —declarou Jim Smith, director do sindicato unificado dos operários da indústria metalúrgica para os problemas de investigação.

Os empreendedores começaram a impedir mais artificiosamente a criação de sindicatos, propondo aos não filiados nos sindicatos o mesmo salário que aos membros dos sindicatos, mas já sem a acção mediadora destes.

Mas a alteração na balança de forças tem um carácter fundamental. As greves passaram a ser menos eficazes na qualidade de impulso para a conclusão dos contratos de trabalho. Na década de 80, as greves são mais raras do que em tempo algum depois da Segunda Guerra Mundial. Os empresários resistem mais intensamente ao movimento grevista, chegando ao ponto de fecharem as lojas e as empresas...

A posição dos empresários à mesa das conversações tornou-se extremamente dura...»

«The New York Times»,
3 de Setembro de 1984.

Frederick Painton, jornalista americano

«...É variado o destino das organizações sindicais em diferentes países. Todavia, em todo o continente europeu observam-se sintomas semelhantes de desilusão e fraqueza. O poderoso movimento sindical da Europa Ocidental, enfraquecido pelo desemprego que atingiu níveis recordes, é obrigado a tomar posições defensivas sob os golpes dos programas governamentais de economia dura. Quase em toda a parte são desfalcadas as fileiras dos sindicatos, bem como se debilita a sua influência junto à mesa das conversações.

...A primeiro-ministro Margaret Thatcher reduz sistematicamente o direito dos sindicatos e, designadamente, já pôs ponto final aos boicotes de solidariedade, bem como à prática de admissão ao trabalho de apenas pessoas filiadas nos sindicatos.»

«Time»,
6 de Fevereiro de 1984.

Posfácio

Como nos podemos convencer, políticos e personalidades sociais dos mais diferentes países e frequentemente dissemelhantes nos seus pontos de vista políticos condenam o imperialismo que aplica uma política de insuflação da ameaça de guerra, pratica o banditismo e o terrorismo nos assuntos internacionais, oprime os trabalhadores dos países capitalistas e especialmente dos países em vias de desenvolvimento, apoia as ditaduras mais reaccionárias, o sionismo, o racismo e o apartheid. Ao mesmo tempo, devemos ter em conta que o imperialismo recorre ao poderio do aparelho de Estado, ao poder do capital e às possibilidades dos meios de comunicação social deles dependentes para deformar o quadro do mundo, alentar os ânimos conservadores e chauvinistas, desunir e minar as forças anti-imperialistas em todos os lugares onde isso é possível. Em alguns países, o imperialismo consegue agitar as vagas turvas da reacção, entorpecer a consciência dos homens com a peçonha da propaganda anti-socialista.

Como mostra a experiência histórica, a época do imperialismo caracteriza-se por uma profunda contradição entre a política das forças dominantes nos países do capital — política esta de agressão, reacção e opressão dos povos — e o crescimento dos ânimos democráticos, de amor à liberdade das massas trabalhadores e dos povos oprimidos. Como resultado das alterações históricas, sociais e políticas, ocorridas na segunda metade do século XX em todos os continentes, as posições do imperialismo no mundo foram fortemente debilitadas e infraquecidas. Ele está a chegar ao seu termo, contudo, representa ainda uma ameaça real para os povos.

Hoje, no cenário mundial contrapõem-se ao imperialismo forças poderosas que estão em condições de repelir condignamente a política de agressão e de banditismo internacional. Eis o

que disse a este respeito o membro do Bureau Político do CC do PCUS, na ocasião Primeiro Vice-Presidente do Conselho de Ministros e ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, actual Presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS, Andrei Gromico, a 6 de Novembro de 1984: «A prática da vida internacional confirma indiscutivelmente que a influência decisiva sobre a marcha dos acontecimentos é exercida pelo sistema socialista, o qual está representado por Estados de 3 continentes: Europa, Ásia e América, muitos dos quais comemoram este ano datas jubilares da proclamação do socialismo nos seus países.

Cada dia oferece-nos novos testemunhos de que a comunidade socialista actua nos assuntos internacionais como um gerador e defensor dos princípios sadios, protege os ideais de toda a Humanidade.

Transcorrem aos nossos olhos enérgicas manifestações de classe operária dos países capitalistas contra a omnipotência dos monopólios, pela satisfação das suas reivindicações económicas e sociais, em defesa dos direitos fundamentais do Homem. Marcham nas primeiras fileiras os partidos comunistas e operários, sobre os quais recai uma missão difícil, porém nobre. Hoje, estas manifestações confluem com a luta pela paz e contra o perigo de guerra nuclear.

Como nunca, revelam-se a coincidência dos interesses do socialismo mundial e dos movimentos de libertação nacional na luta contra as tentativas imperialistas de impor aos povos regimes que lhes são alheios, em prol da defesa dos direitos dos povos ao desenvolvimento livre e emancipado. É considerável a contribuição dada à luta pela paz pelo Movimento dos Não-Alinhados, que é uma força anti-imperialista bastante influente dos nossos dias...

O movimento social antibelicista está a exercer uma influência cada vez maior sobre a situação internacional. Ele reflecte o crescente alarme das pessoas pelo seu futuro, pelo futuro de toda a Humanidade. Seres humanos de todas as convicções, idades e profissões expressam espontaneamente com as suas manifestações a aspiração de salvaguardar o direito primordial do Homem: o direito à vida.

Cada pessoa sensata compreende que ela e, em geral, toda a Humanidade se encontra hoje perante o dilema da vida e da morte. Das duas uma: ou a corrida aos armamentos e o perigo de hecatombe, ou o desarmamento, a coexistência pacífica de Estados com diferentes regimes sociais. Não há outra alternativa...»

Ao aplicar uma política externa construtiva e consagradora da vida, a União Soviética e outros Estados da comunidade socialista

apresentam grandes iniciativas de carácter real voltadas no sentido de atenuar o perigo de guerra, de limitar e reduzir os tipos mais perigosos de armas, antes de tudo as nucleares, bem como de proibir outros tipos supermodernos de meios de extermínio em massa e de conjurar a militarização do espaço, de minorar a tensão entre os dois blocos político-militares contrapostos,—a NATO e o Tratado de Varsóvia—, de fortalecer a segurança na Europa e na Ásia, de criar zonas livres das armas nuclear e química, de condenar a política do terrorismo de Estado.

Muitas destas iniciativas, como é do conhecimento público, foram apoiadas pela maioria esmagadora dos Estados.

Hoje, não podemos deixar de ver que os esforços maciços de pessoas de muitos países em prol do fortalecimento da paz e da prevenção do perigo de guerra nuclear dão frutos palpáveis, que não podem ser ignorados pelos governos dos países aliados dos EUA. Assim, forças influentes nos círculos governantes de países tais como a Grécia, Espanha, Canadá e Nova-Zelândia pronunciam-se decididamente contra a instalação de armas nucleares americanas no território dos seus países. Também é sintomático o facto de os dois dos maiores partidos sociais-democratas da Europa Ocidental—o partido social-democrata oeste-alemão e o partido trabalhista inglês—se pronunciarem contra a instalação de armas nucleares americanas nos territórios da Grã-Bretanha e da RFA.

É igualmente demonstrativo outro exemplo. São do conhecimento público os esforços que empreenderam os representantes da administracão americana para fascinar os seus aliados e parceiros com as ideias da «guerra das estrelas», ou, como a preferem chamar delicadamente, «iniciativa defensiva estratégica» de Washington. E que ouviram os americanos em resposta? Objecções inequívocas contrárias até mesmo por parte dos círculos governantes da França, Grécia, Dinamarca e Noruega com respeito às experiências com a instalação de tal arma antimíssil, contendo elementos de estacionamento cósmico. A causa disto foi a convicção de que semelhantes experiências intensificarão consideravelmente a instabilidade da situação estratégica no mundo e provocarão mais uma espiral perigosíssima da corrida aos armamentos tanto «defensivos» como ofensivos.

Merece nímia atenção não só a «face política da moeda», como também a económica. Não é segredo que as forças belicistas do imperialismo americano fizeram todo o possível nos últimos anos para unificar os esforços dos círculos reaccionários em todo o mundo e incentivar a Inglaterra, a FRA, França e o Japão a actuar em uníssono com os EUA para a defesa dos interesses

americanos no mundo inteiro. E isto era feito sob a palavra de ordem de ampliação da «zona de responsabilidade» da NATO, da «colaboração» com o fim de superar a crise do sistema económico mundial capitalista. Hoje em dia, a política das corporações transnacionais e das instituições financeiras internacionais em relação aos países em vias de desenvolvimento é caracterizada pelo «neocolonialismo colectivo».

No entanto, devemos assinalar que a monstruosa pressão da corrida aos armamentos que os Estados Unidos procuram desviar para outros países, inclusive para os seus aliados e parceiros mais próximos, conduz a um agravamento agudo das contradições imperialistas. Nem os países da Europa Ocidental, nem o Japão estão inclinados a ceder as suas posições económicas no mundo para fortalecer a economia dos EUA, submetida ao curso da corrida aos armamentos.

Além disso, tanto na Europa Ocidental como no Japão, os círculos governantes compreendem perfeitamente que as razões da activação do «terceiro mundo», daquela fermentação social que se manifesta com tamanha clareza hoje em dia nos países da América Central e do Sul, não residem na famigerada «ameaça soviética», mas sim na intensificação do jugo do capital americano. Até mesmo as forças de direita dos EUA tocam hoje a rebate em virtude do auge dos ânimos anti-imperialistas e anti-americanos nos países do «terceiro mundo».

Realmente, até mesmo as pessoas não especializadas no assunto vêem que o imperialismo conduziu várias regiões do mundo, principalmente na África, nas Caraíbas e na América Central, para a beira da catástrofe económica. Por esta razão, lá não se consolidam os regimes pró-imperialistas, as ditaduras militares comprometidas e cresce o movimento de libertação nacional.

Como sublinhou Mikhail Gorbatchov, Secretário-Geral do CC do PCUS, «uma das realidades do mundo de hoje é a entrada no cenário mundial de dezenas de Estados da Ásia, África e América Latina que procuram superar as consequências nefastas do colonialismo. A maioria esmagadora destes Estados apoia a política do Não-Alinhamento. O surgimento em cena do Não-Alinhamento, a sua transformação num factor de importância da política mundial é um fenómeno natural dos nossos tempos. E nisto reflecte-se com toda a evidência a aspiração dos povos libertados a uma cooperação estatal com base na igualdade de direitos, ao reconhecimento pelos demais dos seus direitos e interesses legítimos, à exclusão da vida internacional de quaisquer manifestações de domínio e de «diktat», de pretenções à hegemonia.

Numa palavra, os países libertados querem que deixem de ser encarados como alvos da obtenção de lucros e da instalação nos seus territórios de bases e pontos de apoio militares estrangeiros. E não só podemos como devemos compreender estes países.»

Na luta pela paz e o progresso social, os esforços univalentes e persistentes dos Estados socialistas, as formas amplas e variadas das manifestações antibelicistas, a disposição sempre crescente da maioria dos Estados libertados de fortalecer a sua soberania e independência nacional, a firme vontade de toda a Humanidade progressista de pôr ponto final aos preparativos bélicos do imperialismo em diversas regiões do globo terrestre — tudo isto nos nossos tempos representa uma força pujante e invencível para a reacção e o imperialismo.

Cronologia dos crimes sangrentos do imperialismo

As forças belicistas do imperialismo, responsáveis pela eclosão de duas guerras mundiais desvastadoras e de centenas de conflitos coloniais, continuam a maquinar os seus crimes em todos os continentes do nosso planeta. Eis uma lista desses crimes, que está longe de ser completa, respeitante ao último decénio.

América Latina

De 1980 até hoje (1985), os EUA travam uma guerra não-declarada contra o povo da *Nicarágua* com a ajuda de mercenários e militares americanos. De 1981 a 1984, foram cometidas cerca de 2500 acções contra-revolucionárias, inclusive 922 ataques armados. 7 mil mortos, 2 mil feridos e cerca de 800 desaparecidos — tais são, segundo dados do ministério da defesa da Nicarágua, os resultados das investidas contra-revolucionárias no decorrer de 5 anos.

No decurso de todo o último decénio, os «esquadrões da morte» — organizações de facínoras políticos criadas pelos serviços especiais salvadorenhos e americanos — praticaram excessos sangrentos, vitimando muitos milhares de cidadãos inocentes de *El Salvador*.

Prosseguiu no último decénio a acção militar do regime pró-americano *na Guatemala* contra as forças insurrectas, principalmente os índios deserdados.

Em 1983/84, a Colômbia foi cenário das selvagerias dos bandos facínoras mercenários, criados pelos latifundiários locais e as companhias estrangeiras. Somente em Janeiro-Agosto de 1983, segundo dados do comité colombiano de defesa dos direitos do Homem, foram mortas 377 pessoas como resultado da acção destes bandos, 47 desapareceram e 1038 foram encarceradas.

Em Outubro-Novembro de 1983, Granada foi vítima da intervenção militar dos EUA. Pereceram 1000 pessoas. Somente no hospital urbano de Saint-Georges faleceram 206 pessoas feridas a tiro. Foram atirados

para as prisões e os campos de concentração mais de 2000 habitantes da ilha.

Em Abril-Junho de 1982, foram desencadeadas acções militares das forças armadas inglesas contra a Argentina. Como resultado do conflito armado em torno das ilhas de Folckland (Malvinas) pereceram vários milhares de argentinos e ingleses.

Próximo e Médio Oriente

De Julho de 1982 até aos inícios de 1985, o Líbano esteve ocupado pelas tropas de Israel que cometeram repressões cruéis contra a população civil deste país. Em Setembro de 1982, com a conivência das autoridades israelitas, deu-se o cruel massacre nos acampamentos dos refugiados palestinos de Sabra e Chatila. Nos territórios árabes ocupados as tropas israelitas cometem repressões atrozes contra a população árabe. Em Dezembro de 1983-Fevereiro de 1984, as forças armadas dos EUA participaram nas operações combativas no Líbano. Em virtude dos bombardeamentos pela artilharia naval americana de várias regiões do país somente em Beirute pereceram mais de 500 habitantes civis.

A retirada forçada das tropas de Israel do território libanês, em 1985, foi acompanhada de novas crueldades: aldeias inteiras foram destruídas, os seus habitantes fusilados ou triturados pelas cremalheiras dos tanques.

Em 1979/81, os serviços especiais dos EUA tentaram organizar uma série de conspirações contra políticos e religiosos do *Irão*. Em 1981, eles organizaram a explosão de uma bomba em Teerão que causou a morte de 72 personalidades do Partido Islamita Republicano governante, inclusive o seu Secretário-Geral Behechti.

Desde meados de 1979 até hoje, os EUA e alguns dos seus aliados financiam e armam os bandos contra-revolucionários do *Afeganistão*, cujo objectivo consiste em aterrorizar a população civil e alterar a vida normal neste país. Como resultado das acções destes bandos foram destruídas, até 1985, 1814 escolas, bem como 31 hospitais, 111 centros de saúde pública, 14 mil quilómetros de linhas de comunicação, arruinadas 906 cooperativas agrícolas e há ainda um elevado número de vítimas humanas. Em Agosto de 1984, os bandidos conseguiram fazer explodir uma bomba no aeroporto de Cabul, o que causou a morte de várias dezenas de pessoas e outras tantas ficaram feridas.

África

No decorrer de todo o decénio, na República da África do Sul (RAS), a população local que se pronuncia pela derrubada do regime do apartheid foi vítima de sangrentas repressões; prosseguiu a guerra contra o povo da Namíbia ocupada pela RAS. Em 1984, como resultado de uma nova vaga de repressões na RAS pereceram 165 pessoas e, pelo menos, 1050 africanos foram encarcerados. A situação na RAS agravou-se ainda

mais depois da aprovação, a 3 de Setembro de 1984, da nova constituição racista: várias centenas de pessoas foram mortas e feridas e milhares de participantes nas manifestações de protesto foram lançados para as masmorras.

Os primeiros meses de 1985 foram assinalados por repressões sangrentas sem precedentes contra manifestantes em diversas cidades, no curso das quais centenas de nativos do país foram mortos e feridos.

A partir dos meados da década de 70, os racistas da RAS em interacção intrínseca com os EUA começaram a financiar a subversão e a seguir a realizar operações militares directas contra os Estados limítrofes: *Angola, Moçambique, Zâmbia e Lesoto*.

Em 1975/85, a RAS levou reiteradas vezes a cabo operações militares *contra Angola* e forneceu armas e munições aos bandos antigovernamentais da UNITA que actuam no território angolano. Em 1975, Angola foi invadida por um corpo expedicionário da RAS de 15 mil homens. Em Dezembro de 1983, segundo um plano elaborado por conselheiros americanos, um corpo de 10 mil homens da RAS com o apoio da artilharia e a aviação ocupou novamente uma parte do território angolano. Como resultado do emprego das armas mais desumanas, nomeadamente de substâncias tóxicas, há numerosas vítimas entre a população civil. As tropas da RAS até hoje ocupam as regiões meridionais de Angola.

Em 1983/84, voltaram a activar-se notoriamente em Angola as acções dos bandos da UNITA. Em Abril de 1984, um destes bandos fez explodir um prédio habitacional de 11 andares na cidade de Uambo. Dezenas de pessoas, inclusive mulheres e crianças, pereceram em virtude desta acção. Em 1985, os racistas sul-africanos empreenderam uma tentativa de danificar reservatórios petrolíferos na província de Cabinda.

Em 1983/84, intencificou-se em Moçambique a actividade dos bandos da «Resistência Nacional Moçambicana», abastecidos pela RAS, que aterrorizam a população do país e destroem objectos económicos. Apesar do acordo assinado entre Moçambique e a RAS em Março de 1984, que obriga esta última a cessar o fornecimento destes mercenários, ele continua a ser feito e os bandos antigovernamentais como dantes semeiam a morte na terra moçambicana.

Em 1977, mercenários dos Estados imperialistas tentaram invadir *o Benin*.

Em 1981, nas ilhas de Seychelles ocorreu uma invasão abortada de cerca de 100 mercenários da RAS que tentaram organizar um golpe de Estado. Entre os mercenários havia ingleses e americanos.

Em 1977 e 1978, a França, com a participação dos EUA, enviou por duas vezes as suas tropas para *Zaire* com vista a esmagar os levantamentos na província de Chaba.

Em 1983/84, as tropas francesas dirigiram-se ao *Chade* para participar nas operações militares ao lado das forças pró-americanas.

A 14 de Junho de 1985, unidades especiais das forças armadas da RAS realizaram uma incursão bandoleira *contra a capital de Botswana,*

Gaberones. Pereceram pessoas inocentes, nomeadamente mulheres e crianças. Foram causados grandes danos materiais.

Sudeste e Sul da Ásia

Em 1983/84, na Índia, principalmente no Estado de Punjab, os serviços especiais do Paquistão e dos EUA provocaram choques sangrentos entre diversas comunidades, como resultado dos quais pereceram centenas de milhares de pessoas. Esta foi uma das causas do assassinato a 31 de Outubro de 1984 da sra. Indira Gandhi, primeiro-ministro da Índia.

A 3 de Dezembro de 1984, na cidade indiana de Bhopal em virtude da criminosa negligência da corporação transnacional americana «Union Carbide» ocorreu um escape de um gás altamente tóxico de um dos depósitos subterrâneos. Como consequência disto, mais de 2500 pessoas pereceram e cerca de 200 mil sofreram com o desastre.

Em 1979/85, na República Popular do Kampuchea o imperialismo apoiou as acções armadas dos polpotistas e de outros bandos antigovernamentais que actuam a partir do território da Tailândia contra o povo khmer. Foram provocadas também operações combativas das forças armadas da Tailândia contra o Kampuchea e o Laos.

Em 1983/84, nas Filipinas teve lugar toda uma série de assassinatos de políticos populares da oposição, tais como Benigno Aquino e Alexander Orcullo. Segundo informa o jornal «Bulletin of Today» de Manila, estas e outras acções demonstram que no país actuam os «esquadrões da morte» — grupos paramilitares de assassinos profissionais, apoiados pelos autoridades militares.

Oceânia

Em Dezembro de 1984, agravou-se seriamente a situação *em Nova Caledónia,* possessão francesa, depois do assassinato pela polícia de um dos dirigentes do movimento de libertação nacional local Eloi Mlhoro. Reforços militares e policiais foram enviados da França para o arquipélago. Durante as manifestações da população nativa (canaques) verificaram-se novos choques com a polícia que provocaram dezenas de mortes.

Europa Ocidental

No decorrer de todo o decénio prossegue no Ulster (Irlanda do Norte) a sangrenta tragédia provocada pelas hostilidades entre a população protestante e a católica nesta parte do país que é mantida pela força sob o domínio inglês. Estas hostilidades, aliás, são alentadas pelo imperialismo britânico. As autoridades militares e policiais desencadearam duras repressões contra os irlandeses, muitos presos estão encarcerados na famigerada cadeia de Mase. Em Dezembro de 1984, em vista do enterro de um dos ex-presidiários desta masmorra ocorreram novos arbítrios dos «gardiões da ordem». 12 pessoas foram feridas e 50, presas: tal foi o resultado de um dos numerosos episódios desta tragédia.

América do Norte

Durante o decénio transcorrido, nos Estados Unidos foram registados numerosos casos de violência política da polícia contra americanos de origem negra, índia, porto-riquenha e de outras minorias nacionais, bem como casos de sentenças injustas dos tribunais como resultado de depoimentos fabricados pela polícia. A 5 de Abril de 1984, o presidente dos EUA publicou a directriz «Rex 84», que prevê a efectuação de operações para a detenção das pessoas que residem ilegalmente nos EUA.

Em vista disso, a directriz ordenava a criação de 10 campos de concentração, calculados para 200 000 mil recluídos. Em resposta ao grande ascenso do movimento antibelicista nos EUA, as autoridades intensificam as repressões contra os seus participantes. Em 1984, foram presos cerca de 1100 participantes nas manifestações antibelicistas e contra 577 pessoas foram iniciados processos criminais.

Автор-составитель Шведков Юрий Александрович

ТАКОВ ИМПЕРИАЛИЗМ СЕРЕДИНЫ 80-Х ГОДОВ

Свидетельства политических и общественных деятелей Запада и неприсоединившихся государств

на португальском языке

Цена 35 коп.

O IMPERIALISMO NOS MEADOS DA DÉCADA DE 80

«O imperialismo é a época do capital financeiro e dos monopólios, que trazem consigo em toda a parte a tendência para a dominação, e não para a liberdade. A reacção em toda a linha, seja qual for o regime político; a exacerbação extrema das contradições também nesta esfera: tal é o resultado desta tendência. Intensifica-se também particularmente a opressão nacional e a tendência para as anexações, isto é, para a violação da independência nacional (pois a anexação não é senão a violação do direito das nações à autodeterminação)».

V. LÉNINE

«A luta nacional, a insurreição nacional e a separação nacional são perfeitamente 'realizáveis' e observam-se na verdade com o advento do imperialismo e até mesmo se intensificam, pois o imperialismo não freia o desenvolvimento do capitalismo e o crescimento das tendências democráticas na massa da população, mas sim agudiza o antagonismo entre estas aspirações democráticas e as tendências antidemocráticas dos trustes».

V. LÉNINE